



A “nova classe média” e as perspectivas de um novo cenário religioso brasileiro

Leonildo Silveira Campos

Uma religiosidade nômade

Sílvia Fernandes

“Não podemos associar a mudança de religião a uma questão de classe social”

Jorge Claudio Ribeiro

Uma nova classe média sem religião?

E mais:

>> **Pedro Miguel Lamet**

A supressão e a restauração da Companhia de Jesus. Uma história complexa

>> **Carlos Roberto Velho Cirne-Lima**

80 anos de história

A “nova classe média” e as perspectivas de um novo cenário religioso brasileiro

Alguns líderes religiosos, especialmente católicos, parecem apostar numa mudança do cenário religioso brasileiro tendo em vista a emergência da assim chamada “nova classe média”.

Para discutir o tema, continuando ao mesmo tempo a discussão sobre o conceito “classe média”, tema já abordado em edições anteriores, a **IHU On-Line** desta semana debate o tema com especialistas e pesquisadores que se debruçam sobre as perspectivas do campo religioso brasileiro.

Brenda Carranza, professora na PUC-Campinas, atribui o avanço neopentecostal ao preenchimento de vazios deixados pelas instituições religiosas em geral, e pelo catolicismo em particular.

Joel Portella Amado, professor na PUC-Rio, considera que um bom caminho espiritual para as chamadas “novas classes médias” passa não apenas por relações fraternas entre os membros das comunidades, mas também pelo contato direto com os crucificados da terra e, pensando ecologicamente, com a Terra crucificada.

Na visão de **Jorge Claudio Ribeiro**, professor na PUC-SP, a ascensão econômica e cultural dos brasileiros vai gerar uma nova postura frente às religiões.

Leonildo Silveira Campos, professor na Umesp, identifica no cenário atual o surgimento de um tipo de religiosidade nômade, de uma espiritualidade sem igreja, que mantenha com mais força o interesse e experiência individual de cada um.

Já a socióloga **Lucia Ribeiro** aponta que entender as necessidades específicas da chamada “nova classe média” é um desafio para as religiões.

A socióloga **Silvia Fernandes**, professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, defende que as Igrejas que pretendem recuperar os seus fiéis devem estar atentas às demandas desses indivíduos e atuar numa lógica de apoio, solidariedade e presença e menos numa lógica normativa e tradicionalista.

Em **2014** celebra-se o segundo centenário da restauração da Companhia de Jesus. A complexa história da supressão da Ordem dos Jesuítas é tema de uma longa e instigante entrevista com o escritor e jornalista jesuíta espanhol **Pedro Miguel Lamet** que acaba de lançar o livro *El Último Jesuíta* (Madrid:2011).

Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, filósofo gaúcho, recentemente celebrou o seu 80º aniversário. Nesta edição ele narra a sua trajetória acadêmica, profissional e pessoal.

Completa esta edição o artigo de **Andrés Kalikoske**, membro do Grupo Cepos, doutorando e mestre em Ciências da Comunicação e coordenador do Núcleo de Análise da Teledramaturgia – NAT, sobre o poder analítico da economia política da comunicação, e o depoimento de vida de **Marcelo Leandro dos Santos**, doutor em filosofia e colega de trabalho na Unisinos e no IHU.

A todas e todos uma boa semana com um oportuno feriado e uma ótima leitura!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Anelise Zanoni MTB 9816 (aneliseza@unisinos.br), Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Leonildo Silveira Campos: Uma religiosidade nômade

PÁGINA 08 | Jorge Cláudio Ribeiro: Uma nova classe média sem religião?

PÁGINA 11 | Sílvia Fernandes: “Não podemos associar a mudança de religião a uma questão de classe social”

PÁGINA 13 | Brenda Carranza: A fraternidade cristã diante do abismo da desigualdade social

PÁGINA 16 | Joel Portella Amado: A delicada ligação entre opção religiosa e ascensão socioeconômica

PÁGINA 19 | Lúcia Ribeiro: Uma Igreja atenta aos “sinais dos tempos”

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 22 | Pedro Lamet: A supressão da Companhia de Jesus: episódio-chave de sua ação nas fronteiras da fé

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | Andres Kalikoske: O poder analítico da Economia Política da Comunicação

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

» Perfil

PÁGINA 36 | Carlos Roberto Velho Cirne-Lima

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Marcelo Leandro dos Santos



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Uma religiosidade nômade

A partir da assim chamada “nova classe média”, Leonildo Silveira Campos identifica o surgimento de um tipo de religiosidade nômade, de uma espiritualidade sem igreja, que mantenha com mais força o interesse e a experiência individual

POR GRAZIELA WOLFART

“**A**scensão ou o descenso social trazem significativos resultados para a prática religiosa dos membros de uma determinada sociedade. Em outras palavras, a passagem de uma classe social para outra ou até mesmo de um estrato de classe para outro, assim como a mobilidade geográfica, afetam a forma como as pessoas formulam e se relacionam com os seus deuses”. A análise é do professor Leonildo Silveira Campos, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele argumenta que “o carismatismo e o neopentecostalismo se mostram como uma força propulsora de uma mobilidade social ascendente para milhões de brasileiros”. Possivelmente, continua, “esse cenário indique um crescimento ainda maior do neopentecostalismo e uma pressão para que os grupos pentecostais tradicionais, como Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, assim como os protestantes tradicionais, também se neopentecostalizem caso queiram sobreviver”.

Leonildo Silveira Campos é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mogi das Cruzes, e em Teologia pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Seu mestrado e doutorado foram realizados na Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, com a tese *Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - a Igreja Universal do Reino de Deus* (Petrópolis: Vozes, 1997). Atualmente, é professor da Umesp e da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Com a ascensão econômica de uma parcela da população brasileira, a chamada “nova classe média”, que cenário religioso o senhor percebe que começa a aparecer?

Leonildo Silveira Campos - A relação entre prática religiosa, cosmovisão religiosa e classe social, é um pressuposto aceito com naturalidade pelos cientistas sociais desde Karl Marx¹, Max

Weber até Pierre Bourdieu². A ascensão Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

² Pierre Bourdieu (1930 - 2002) sociólogo francês. De origem camponesa, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desestruturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da IHU On-Line)

ou o descenso social trazem significativos resultados para a prática religiosa dos membros de uma determinada sociedade. Em outras palavras, a passagem de uma classe social para outra ou até mesmo de um estrato de classe para outro, assim como a mobilidade geográfica, afetam a forma como as pessoas formulam e se relacionam com os seus deuses.

IHU On-Line - Com a melhora econômica, a “nova classe média” tende a evoluir culturalmente também. Em que sentido isso pode gerar consequências para as religiões pentecostais e neopentecostais?

Leonildo Silveira Campos - O pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos (início do século XX) como uma religião de imigrantes pobres, de negros pobres vindos do sul racista, e dos bolsões marcados pela pobreza urbana

¹ Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista

de Chicago, Los Angeles e Nova York. Assim também a mensagem pentecostal chegou ao Brasil em 1910 e 1911. A mensagem pregada pelo ítalo-americano Louis Francescon, entre a colônia italiana dos estados de São Paulo e Paraná foi bem recebida pelos operários dos bairros do Brás, Mooca, Ipiranga e outros, assim como entre lavradores do norte velho do Paraná. Já a mensagem pentecostal trazida pelos suecos (com passagem pelos EUA) penetrou através de Belém, no estado do Pará, entre os pobres da região, seguindo depois pelo nordeste, até chegar ao Sudeste brasileiro. Esse pentecostalismo, hoje tido como “clássico” para diferenciar do neopentecostalismo, oferecia a uma nova classe social que surgia no Brasil, o operariado, uma mensagem que enfatizava o conforto espiritual diante das agruras da vida urbana, uma forma dos que abandonaram o campo a operacionalizar os desafios de uma nova forma de vida. A experiência mística (batismo com o Espírito Santo) e a participação entusiasta e emocional deles nos cultos faziam com que essas pessoas decidissem por levar uma vida disciplinada, muito regrada. Isso os tornava trabalhadores domésticos, nas fazendas e nas fábricas, os preferidos dos patrões. Eles esperavam pelo céu, e se contentavam com uma religião intimista. Enfatizavam a vida econômica regrada a partir da separação de 10% dos ganhos para a Igreja. Assim eles tinham agora que reorganizar os gastos, antes destinados a bebida, cigarro, diversão, etc.

Assim, com o passar do tempo, muitos deles que antes esbanjavam todo o seu recurso passaram a economizar, aplicar na construção da casa própria, no estudo dos filhos, mais tarde na aquisição de automóveis. Hoje, os filhos e netos dos primeiros pentecostais brasileiros já fazem parte das camadas médias da população. Nessa camada se instalaram de uma forma conservadora das regras de ganho e de ascensão social. Eles se tornaram conservadores, deram apoio ao moralismo hipócrita do regime militar e agora se inscrevem entre os que defendem a discriminação da homossexualidade, atacam junto com um de seus líderes,

“Soluções sincreticamente misturadas com as da umbanda, candomblé, catolicismo popular e algumas pitadas de protestantismo são buscadas pelos candidatos à ascensão social, a qual estava sendo barrada por alguma manifestação demoníaca”

o pastor Silas Malafaia³, as políticas que envolvem o casamento de pessoas do mesmo sexo, a proibição da homofobia. Entre eles circularam uma enorme quantidade de mensagens via internet que a meu ver impediu o PT de eleger Dilma no primeiro turno das eleições de 2010.

A partir da metade dos anos 1950, começa a aparecer no Brasil pregadores de um novo tipo de pentecostalismo, mais adaptado às camadas urbanas, enfatizando a cura divina, a solução de problemas de relacionamento entre pessoas, grupos sociais e dificuldades na família. Para muitos deles, desempregados ou em situação de fragilidade social, a mensagem do milagre como única solução que vem de Deus, era um sucesso. Nessa esteira novas igrejas pentecostais se estruturaram, como a Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”⁴, Igreja do

3 Silas Lima Malafaia (1958): pastor protestante pentecostal brasileiro. É o líder da igreja Assembleia de Deus-Vitória em Cristo e um famoso televangelista, também graduado em Psicologia. (Nota da IHU On-Line)

4 Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo: denominação pentecostal fundada em 1955. Iniciada por Manoel de Mello e Silva (1929-1990), um trabalhador da construção civil que veio a São Paulo do sertão de pernambuco, converteu-se ao protestantismo na Assembleia de Deus e algum tempo depois aderiu à Cruzada

Evangelho Quadrangular⁵, Igreja Pentecostal “Deus é Amor”⁶. Essas igrejas, especialmente a “Deus é Amor”, têm uma mensagem muito adaptada às pessoas de classes C e D e para os miseráveis que estão abaixo da linha da miséria. Para esses somente um milagre divino pode salvar as suas vidas.

Já no final dos anos 1970, no rastro do televangelismo norte-americano surgem os chamados neopentecostais. A mensagem deles se volta para as camadas médias da população, escolhidas como nicho para um marketing e para uma propaganda quase sempre profissionalmente elaborada. Porém, a classe média baixa, que em tempos de crise social se prende entre a prosperidade e a pobreza, com muito medo de perder o emprego ou o crédito nos bancos e financeiras, aderem à chamada “teologia da prosperidade”⁷. Quem é filho de Deus tem o direito a ser rico e próspero. Para se conseguir isso, é necessária uma aliança com Deus. Com a autoestima recuperada, uma reprogramação da vida cotidiana, a mudança da mentalidade de um “derrotado” para um “vencedor”, as possibilidades de se vencer as vertigens do mundo econômico e social são muito maiores. O preço é a contribuição em dinheiro para a igreja, uma oferta racionalmente calculada, conforme o tamanho da bênção aspirada.

da Nacional de Evangelização, hoje nomeada Igreja do Evangelho Quadrangular. Foi ordenado ministro pela International Church of the Foursquare Gospel, igreja estadunidense que organizou os trabalhos missionários que fundaram a Igreja Quadrangular no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

5 Igreja do Evangelho Quadrangular: denominação cristã evangélica pentecostal. É conhecida como a Igreja do Evangelho Quadrangular, a partir de 2000, teve uma adesão de mais de 8.000.000 de pessoas, com 66.000 igrejas em 144 países. (Nota da IHU On-Line)

6 Igreja Pentecostal Deus é Amor: denominação evangélica brasileira originária da segunda onda do Pentecostalismo. Foi fundada em 1962 pelo missionário David Martins Miranda, com sede na cidade de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

7 Teologia da prosperidade: também conhecida como confissão positiva, palavra da fé, movimento da fé e evangelho da saúde e da prosperidade, é um movimento religioso surgido nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos da América. Sua doutrina afirma, a partir da interpretação de alguns textos bíblicos, como Gênesis 17.7, Marcos 11.23-24 e Lucas 11.9-10, que os que são verdadeiramente fiéis a Deus devem desfrutar de uma excelente situação na área financeira, na saúde, etc. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Que tipo de espiritualidade é compatível com uma camada social que está motivada ao apelo do consumo?

Leonildo Silveira Campos - Nesse neopentecostalismo, os males da vida são encarados como presença dos demônios e do próprio diabo, os quais precisam ser exorcizados. Soluções sincreticamente misturadas com as da umbanda, candomblé, catolicismo popular e algumas pitadas de protestantismo são buscadas pelos candidatos à ascensão social, a qual estava sendo barrada por alguma manifestação demoníaca. As pessoas que frequentam tais centros religiosos têm boas chances de organizar a vida de acordo com novas regras, agora as que são ditadas pela sociedade de consumo. Não se trata mais de buscar as bênçãos no céu do pós-morte. O paraíso é aqui mesmo na terra (influência da pós-modernidade?) e é compatível com a busca da riqueza, com a realização de projetos individuais (mesmo que sejam considerados egoístas), com o culto do corpo belo, saudável, do hedonismo e do prazer. Nada mais de uma religião pentecostal ou protestante tradicional centrada numa ascese que prega o sofrimento corporal como forma de entrada no paraíso.

IHU On-Line - Como a Igreja Católica deve conduzir sua postura e seu discurso se pretende ampliar sua base de atuação nesse novo segmento social e econômico do país?

Leonildo Silveira Campos - A Igreja Católica cede, desde os anos 1980, aos encantos desse novo pentecostalismo. A renovação carismática católica oferece práticas e visões de mundo muito semelhantes as que têm sido pregadas pelos neopentecostais. Os programas televisivos, a mercantilização de produtos simbólicos, as promessas de cura, de solução mágica para problemas complicados, a eliminação do mal-estar provocado pelos trancos de uma ascensão ou de um descenso social é amenizado. “Deus está presente. Viva Jesus!” proclama a Legião da Boa Vontade⁸ de igual modo,

⁸ Legião da Boa Vontade (LBV): entidade conhecida no Brasil por fazer assistência social. Os seus dirigentes também mantêm programação de rádio e televisão e atividade religiosa própria. A LBV foi fundada oficialmente em 1º de janeiro de 1950, no Rio de Janeiro, Brasil,

desde os anos 1950.

IHU On-Line - Quais os segmentos religiosos brasileiros que deverão sofrer mais mudanças a partir do surgimento da “nova classe média”?

Leonildo Silveira Campos - Nessa mudança de cenário religioso, há um fator que poucos pesquisadores da religião têm dado conta. Há milhares de empregos que têm sido criados para o atendimento das demandas geradas pela passagem de milhões de pessoas de uma para outra classe social. Esses novos intermediários culturais são pastores, padres, missionários, apóstolos, videntes, e outros que se especializam em fazer da satisfação das carências sociais e econômicas o seu ganha-pão. Uma pesquisa feita por Marcelo Neri⁹ (da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro) sobre a *Economia das religiões: mudanças recentes* (2007) enfatizou que a percepção de acesso aos bens públicos, as mudanças de escolaridade, o capital empregado na obtenção de bens simbólicos, fez com que um grupo maior de pessoas, antes nas camadas mais baixas da sociedade, subisse na pirâmide social e passasse a ter acesso ao consumir mais. Assim, o carismatismo e o neopentecostalismo se mostram como uma força propulsora de uma mobilidade social ascendente para milhões de brasileiros. Possivelmente, esse cenário indique um crescimento ainda maior do neopentecostalismo e uma pressão para que os grupos pentecostais tradicionais, como Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, assim como os protestantes tradicionais, também se neopentecostalizem caso queiram sobreviver. Em um determinado ponto de sua pesquisa, Neri registra que

por Alziro Zarur. Ele presidiu a entidade até 1979, quando faleceu. José de Paiva Netto é o atual diretor-presidente. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Marcelo Cortes Neri: economista brasileiro, chefe do Centro de Políticas Sociais, filiado ao Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas. Neri é professor da Graduação em Economia da Escola Brasileira de Economia e Finanças, da Escola de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Economia da UFF. Marcelo Neri é PhD formado pela Universidade de Princeton (Estados Unidos), e é especialista em relações no mercado de trabalho, política de salários, políticas sociais, educação e distribuição de renda. (Nota da IHU On-Line)

“enquanto o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum da culpa de acumulação de capital privado, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja”.

IHU On-Line - Como definiria a vivência religiosa dessa camada social que, hoje, é chamada de “nova classe média”?

Leonildo Silveira Campos - É interessante observar que os integrantes da possível nova classe social não mais se sentem à vontade com a religião tradicional, cristalizada em dogmas, ritos e instituições clássicas. Muitos deles preferem o dinamismo das novas comunidades religiosas, mesmo que sejam comunidades aninhadas dentro de velhas instituições sociais como a Igreja Católica (Canção Nova¹⁰, etc.). Outros preferem uma religiosidade individual, voltada apenas para a intimidade, sem preocupação social ou sem sentir a necessidade de se associar a outros para a prática da religiosidade. Vai surgindo, nesse caso, um tipo de religiosidade nômade, de uma espiritualidade sem igreja, que mantenha com mais força o interesse e experiência individual.

LEIA MAIS...

>> Leonildo Silveira Campos já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* Mídia e religião no Brasil, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU, em 16-12-2009, disponível em <http://bit.ly/5nlruh>;

* A Reforma. 500 anos depois de Calvino, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU, em 22-11-2009, disponível em <http://bit.ly/7G4F9W>;

* IURD: teatro, templo e mercado, publicada na IHU On-Line número 329, de 17-05-2010, disponível em <http://bit.ly/1jetFE>;

¹⁰ Canção Nova: associação de fiéis reconhecida pela Igreja Católica. Juridicamente, é intitulada Associação Internacional Privada de Fiéis. Com sede em Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba, foi fundada em 1978 por Jonas Abib. É mantida pela Fundação João Paulo II e foi reconhecida pelo Papa Bento XVI em 2008. A comunidade possui a Rádio Canção Nova e a TV Canção Nova, que possuem alcance nacional e internacional. (Nota da IHU On-Line)

Uma nova classe média sem religião?

Na visão de Jorge Claudio Ribeiro, a ascensão econômica e cultural dos brasileiros vai gerar uma nova postura frente às religiões

POR GRAZIELA WOLFART

Na tentativa de conceituar o que seria a chamada “nova classe média”, o professor Jorge Cláudio Ribeiro, da PUC-SP, percebe que este novo extrato social está se restringindo a fatores ainda referentes à situação anterior. Tem mais renda, mas continua “espiritualmente” o mesmo, podendo fazer mais do que já fazia antes. “O mundo dessas pessoas ainda é pequeno, restrito às preocupações mais imediatas. Por isso, ela é politicamente conservadora, porque não pretende muitas rupturas. É religiosamente também conservadora, no sentido de que ainda mantém os laços religiosos provindos, na sua maioria, de igrejas evangélicas”. Na entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, Jorge Cláudio Ribeiro entende que a Igreja Católica está se sentindo pressionada pela perda de seus fiéis. Sua hipótese é de que as pessoas que recentemente ascenderam para a classe média manterão uma referência religiosa, mas se tornarão pessoas sem religião, “entrando naquele rol dos que são crentes, mas não dentro do catequismo religioso que aprenderam”.

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, e em Jornalismo pela Universidade de São Paulo, Jorge Cláudio Noel Ribeiro Júnior é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição. Fez pós-doutorado em Sociologia das Religiões na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, na Unicamp e na Columbia University de Nova York. É professor livre-docente em Ciências da Religião e professor titular na PUC-SP, onde leciona desde 1976. É autor de vários livros, dentre eles, *Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico* (São Paulo: Brasiliense/Olho D'Água, 1994); e *Religiosidade Jovem* (São Paulo: Loyola e Olho d'Água, 2009). Recentemente concluiu no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp) os créditos de graduação em Teologia iniciados na PUC-Rio. No momento desenvolve mestrado em Teologia no Itesp. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em primeiro lugar, como poderíamos definir o que seria a chamada “nova classe média”? Quais seus valores?

Jorge Cláudio Ribeiro - O conceito de classe média não se resume ao nível de renda, simplesmente. Nesse sentido, seria “forçar a barra” chamar esse contingente expressivo - são 30 milhões de pessoas - de classe média, usando apenas o critério da renda. E as classes sociais se definem por outros critérios, como a sua forma de ver o mundo, sua cosmovisão, sua atitude perante a vida, suas memórias, sua história. E esses são fatores um pouco mais qualitativos, que não foram pesquisados. Essa chamada “nova classe média” é nova, mas não é média, pelo menos do jeito como conhe-

cíamos a classe média convencional, que desenvolvia e estimulava o esforço pessoal, que tinha um mundo amplo, tinha escolaridade tradicional na família. A “nova classe média” parece que está se restringindo, por enquanto, a fatores ainda referentes à situação anterior. Ela tem mais renda, mas continua “espiritualmente” a mesma. Pode fazer mais o que já fazia antes. Não houve ainda uma ruptura muito pronunciada. São pessoas que fizeram um esforço pessoal gigantesco, e que valorizam as realidades mais próximas de si. O mundo dessas pessoas ainda é pequeno, restrito à família, ao bairro, às suas preocupações mais imediatas. Por isso, ela é politicamente conservadora, porque não pretende muitas rupturas. Ela pretende que a socieda-

de e o Estado lhe deem mais daquilo que já tem, mas não realidades, propostas e possibilidades diferentes. É religiosamente também conservadora, no sentido de que ainda mantém os laços religiosos provindos, na sua maioria, de igrejas evangélicas. Por isso mesmo são conservadoras também. Vejo isso em alguns alunos meus. Muitos são o primeiro universitário da família. Escolhem a faculdade de grife, mas que não seja muito cara, um curso não muito exigente, mas aquele que foi possível entrar. Muitos não se envolvem com o ambiente universitário, mas querem ter o diploma. Ainda não viram muita efetividade em uma escolaridade maior. Interessante é que muitos não têm ainda segurança nessa nova posição. Estão endividados,

não têm perspectiva de futuro muito clara, e os laços anteriores, que são sua rede de sustentação, se mantêm. Essa rede é representada pelos hábitos, pela cultura, pela religião e pelos relacionamentos comunitários do seu bairro.

IHU On-Line - Como o senhor entende a proposta de aproximar a Igreja da “nova classe média”?

Jorge Cláudio Ribeiro - A Igreja Católica está se sentindo pressionada. Ela está reconhecendo uma situação, que não é de agora, ao perceber cotidianamente a perda de seus fiéis. E não é uma perda geral, mas de fiéis “com cara”, pessoas que têm uma convivência e que, aos poucos, vão abandonando sua paróquia, só vão de vez em quando. Isso dá, para a própria Igreja, uma sensação de serviço que não está sendo adequado ou bem feito. Para a hierarquia dá uma sensação de tristeza, de falta de sentido para o que está se fazendo. As estatísticas religiosas mostram um contínuo declínio que, de certa forma, foge ao controle da Igreja. Ou seja, é fruto de um movimento histórico, cultural que, a meu ver, é muito mais amplo do que uma pastoral mais ou menos bem feita, com mais ou menos padres cantores, mais ou menos beatos, ou santos, ou milagres. Isso já faz parte do repertório habitual de práticas pastorais das igrejas em geral. O que está acontecendo é que uma realidade que já vem de alguns séculos, está se impondo graças à ciência, à economia. Hoje, não é necessariamente à religião que se apela primeiramente diante de um problema. Apela-se para outras instâncias. A religião perdeu o prestígio que tinha, perdeu a autoridade de ensinamento que antes possuía. E isso resultou na perda de fiéis, mas não o contrário. Provavelmente, não há muito que fazer com respeito à “nova classe média” que já tinha saído do catolicismo. Muito dificilmente a pessoa que já passou por duas religiões volta para a primeira. A “nova classe média” ainda mantém os laços anteriores, mas certamente esse processo de mudança de estado de vida, de situação, de maior confiança nas próprias possibilidades, pode gerar uma nova atitude religio-

“As estatísticas religiosas mostram um contínuo declínio que, de certa forma, foge ao controle da Igreja”

sa. Se isso acontecer, muito provavelmente elas irão para uma terceira religião. Quando a pessoa muda de estado de vida ela “desencana” do tema religião. Uma das coisas que consolida a pessoa na “nova classe média” é a escolaridade e muito provavelmente a entrada na universidade. Com o tempo, essa “nova classe média” vai buscar formas de escolaridade mais sofisticadas. Com isso, vai gerar uma nova postura frente às religiões. Na prática, a pessoa vai ver que o pastor dela fala errado, e fala coisas que entram em choque com o que aprendeu na escola. Então, surgem necessidades novas que a religião nem sequer percebe. Minha hipótese é que essas pessoas manterão uma referência religiosa, aos poucos frequentarão menos a sua religião, e se tornarão pessoas sem religião, entrando naquele rol dos que são crentes, mas não dentro do “catequicismo” religioso que aprenderam. Eu pessoalmente acho isso bom, mas sou um pouco secularizado. Pode ser que não seja bom, que as pessoas percam suas raízes. Há essa possibilidade de que as pessoas enlouqueçam, entrem nas drogas. Mas acho que não é desse jeito que funciona.

IHU On-Line - Quais os anseios dos jovens de classe média hoje que poderiam ser atendidos pelo âmbito religioso?

Jorge Cláudio Ribeiro - Meus alunos são de uma universidade particular, razoavelmente cara, tradicional, e eles não são “nova classe média”. Pelo contrário, são tipicamente classe média. E pela minha pesquisa, que se desenvolveu na PUC-SP, o que percebemos é que entre as questões que mais interessam aos jovens na faixa de 17, 18 anos, é, primeiro, a família; segundo, os amigos; terceiro, o ingresso na universidade; em penúltimo lugar

a política, e em último lugar as religiões. A questão que eles dão menos importância é que a religião deles é a única verdadeira, o que significa que, para eles, há outras fontes de verdade que não só a religião e não só a religião dele ou dela. Pode ser que esses meus alunos de classe média consolidada mostrem uma tendência do futuro perfil espiritual e religioso da “nova classe média”. Mas isso é questionável. Outra coisa interessante é que a maioria das pessoas dessa “nova classe média” é de mulheres. As mulheres, por uma série de fatores históricos, psicológicos, têm uma abertura maior para os aspectos religiosos. Pode ser que ainda se mantenha, em grande parte, o teor religioso, mas não necessariamente formal, convencional, mas uma forma de religiosidade mais livre, graças às mulheres das novas classes médias que estão surgindo.

IHU On-Line - O senhor acredita que a ascensão social de milhares de brasileiros enfraquecerá as religiões neopentecostais?

Jorge Cláudio Ribeiro - Sim, porque essas religiões deveram seu sucesso a uma pauta de prosperidade, de religião individualizada, ligada ao pequeno grupo. Na medida em que a pessoa, até graças à religião, atinja esse patamar, ela vai querer mais da vida, terá mais exigências de tipo ético, litúrgico, buscará algo mais racional do que simplesmente acreditar no seu líder, seu pastor ou padre. O novo mundo vai se alargar, com acesso a viagens, ao consumo, e isso trará questões para as quais a religião anterior não estava aparelhada.

IHU On-Line - Como conciliar, no mesmo discurso, os preceitos da Igreja e a valorização do consumo?

Jorge Cláudio Ribeiro - Não sei. Não sou bispo! Embora a Igreja Católica tenha um nível de consumo altíssimo, já que a Igreja é muito rica, ela faz outro tipo de consumo. O Vaticano e as congregações religiosas não têm um consumo de tipo individual, ostentatório, mas têm uma riqueza inegável. Ninguém reúne um bilhão de pessoas sem ter que gastar ou investir muito dinheiro para isso. Talvez a Igreja Católica quis estar nesse am-

biente de consumo, mas a médio e longo prazo, e não a curto prazo que, no fundo, é algo meio suicida, meio burro, e aqui falo como alguém da classe média antiga. A acumulação de cultura - e a Igreja Católica tem uma competência antiga na área da educação - poderia abrir para um tipo de ensino que é de boa qualidade, mas voltado para as classes populares ou classes médias, que teriam interesse. A pessoa consome de forma ostentatória porque só vê isso. Se ela, porém, tiver outras oportunidades ou o ensino que não seja convencional, ela poderá mudar de postura. E a Igreja Católica terá o que oferecer para a sociedade. Por outro lado, os jornalistas cuja especialidade é a Igreja Católica têm que desencanar um pouco da ideia de que a Igreja está perdendo fiéis.

IHU On-Line - Qual deve ser o papel da comunicação e do jornalismo nesse debate?

Jorge Cláudio Ribeiro - Os jornalistas deveriam se informar mais. Tradicionalmente, o jornalismo, como classe profissional dotada de certa cultura, é cético. A obrigação dele é ser cético, é duvidar, perguntar, não pode se restringir ao papel de "moleque de recados". O jornalista não transmite simplesmente, ele tem que questionar. Esse ethos cético impacta com o ethos crente das religiões. Então, os jornalistas não gostam muito das religiões. Mas não têm que gostar ou desgostar. Trata-se de uma realidade social, que deve ser levada em conta. Há um alto índice de pessoas que se dizem ateias no curso de jornalismo, mas pelo menos tinham que ter um respeito maior e isso implica conhecimento. Muitas vezes sou entrevistado e o jornalista não tem preparo nenhum nessa área. É preciso buscar as raízes profundas do tema. Os jornalistas precisavam ser como os médicos, ter estudo permanente e o material com que eles trabalham no seu cotidiano nem sempre permite esse aprofundamento, porque num dia ele está fazendo uma coisa e no outro dia está fazendo outra. É saudável que o jornalista não acredite em tudo, não seja uma pessoa crente como profissional - como pessoa ele faz o que quiser. Mas tem que ser uma pessoa questionadora, com dúvidas bem fundamentadas por estudo e conhecimento.

“Não podemos associar a mudança de religião a uma questão de classe social”

Para a socióloga Silvia Fernandes, as Igrejas que pretendem recuperar os seus fiéis devem estar atentas às demandas desses indivíduos e atuar numa lógica de apoio, solidariedade e presença e menos numa lógica normativa e tradicionalista

POR GRAZIELA WOLFART

Para entender o desafio da Igreja em relação à população da chamada nova classe média, “é importante investigar o que vem mudando em seus hábitos e em suas formas de inserção social. Quero dizer que as Igrejas e outras instituições podem ou não estar contempladas nessa nova dinâmica. Pode ser, por exemplo, que aumente a demanda por lazer e viagens em contraposição às demandas religiosas”. A opinião é da socióloga Silvia Fernandes, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. No entanto, ela alerta que “não podemos associar de forma radical a mudança de religião ou trânsito religioso somente a uma questão de classe social ou nível de instrução”.

Silvia Fernandes foi pesquisadora do Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social (Ceris) durante muitos anos. Atualmente, é professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, é mestre e doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dentre outros livros, é autora de *Jovens religiosos e o catolicismo - escolhas, desafios e subjetividades* (Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2010); *Novas Formas de Crer-católicos, evangélicos e sem religião nas cidades* (São Paulo: Promocat, 2009) e organizadora de *Mudança de religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações* (São Paulo: Palavra e Prece, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a senhora entende o desafio de aproximar a Igreja da “nova classe média”?

Silvia Fernandes - Primeiramente, quando nos referimos à “nova classe média” é importante conceituá-la. A partir do ponto de vista econômico - que implica renda - estamos nos referindo a cerca de 93 milhões de brasileiros que pertencem às classes C e D. O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA possui levantamentos específicos sobre as famí-

lias brasileiras em que se pode ver, por exemplo, o grau de otimismo em relação ao futuro. Embora esse grau seja alto em famílias de diversas faixas de renda e níveis de instrução, ele é maior entre as que ganham acima de 10 salários mínimos e com nível de instrução superior completa, e menor entre a chamada nova classe média. Alguns analistas entendem que as famílias que migraram de classe são mais exigentes e cuidadosas em relação aos produtos que adquirem

porque têm uma certa consciência de que, embora seu orçamento tenha melhorado, elas não podem errar em suas escolhas de consumo, sob pena de ter que ficar com um produto ruim até terem condições de substituí-lo. Obviamente, essa atitude não se aplicará ao campo religioso. As pessoas mudam de religião em busca de bem-estar, conforto, resolução de questões práticas. Precisamos saber se sua nova condição econômica reduzirá seus anseios de realização. Para além de critérios de renda e consumo, pouco sabemos sobre essa nova faixa da população. Por isso, falar de suas novas escolhas religiosas implica em colocar em pauta a premência de se conhecer os hábitos e modos de pensamento desses brasileiros que passam a assumir uma nova posição na sociedade. Para entender o desafio da Igreja em relação a essa população, é importante investigar o que vem mudando em seus hábitos e em suas formas de inserção social. Quero dizer que, as Igrejas e outras instituições podem ou não estar contempladas nessa nova dinâmica. Pode ser, por exemplo, que aumente a demanda por lazer e viagens em contraposição às demandas religiosas.

IHU On-Line - Como a questão da religião nas cidades nos ajuda a entender esse projeto da Igreja Católica de ampliar suas bases na nova classe média?

Silvia Fernandes - As formas de presença da Igreja Católica nos meios urbanos é uma preocupação institucional muito antiga. Tanto é que existe a Pastoral Urbana como um espaço de reflexão e implementação prática do catolicismo nas cidades. Contudo, não se percebe muita mudança na lógica de funcionamento da Igreja Católica nas cidades. A estrutura que contempla uma paróquia e várias capelas, ou comunidades que a ela são vinculadas, tem se mostrado pouco eficiente para garantir que os católicos se mantenham nessa religião ou com essa identidade religiosa. Algumas pesquisas que realizamos mostraram que a territorialidade é um importante elemento para a adesão a uma Igreja. No cenário urbano, o espaço onde se pratica a religião deve ser próximo à

“As pessoas mudam de religião em busca de bem-estar, conforto, resolução de questões práticas. Precisamos saber se sua nova condição econômica reduzirá seus anseios de realização”

casa do fiel. Alguns declaram que mudaram de Igreja para uma outra mais próxima de sua casa ou eventualmente com mais horários de missa ou culto. Embora essa atitude de mudança de templo seja mais frequente entre os evangélicos, no universo católico ela também ocorre denotando um tipo de pragmatismo que se coaduna com a busca de soluções para a esfera emocional e material.

IHU On-Line - Acredita que a ascensão social de milhares de brasileiros enfraquecerá as religiões neopentecostais e abrirá oportunidades para os católicos ampliarem suas bases?

Silvia Fernandes - Ainda é muito cedo para fazermos essa afirmação. Não podemos associar de forma radical a mudança de religião ou trânsito religioso somente a uma questão de classe social ou nível de instrução. Quando estudamos a mobilidade religiosa no Brasil vimos que pessoas de todos os níveis de escolaridade e de todas as camadas sociais já fizeram essa experiência. A mudança de religião ou a adesão ao neopentecostalismo não está, portanto, diretamente associada à falta de senso crítico de uma classe com pouca escolarização. As últimas pesquisas¹ mostraram que pessoas que aderem a Igrejas pentecostais e neopentecostais reclamam do “vazio” em suas vidas antes de conhecerem de-

¹ FERNANDES, Sílvia R. A. *Novas Formas de Crer: católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades*. São Paulo: Ceris/Promocat, 2009. (Nota da entrevistada)

terminada Igreja. Este depoimento de um médico, da Assembleia de Deus, na cidade de Salvador, ilustra essa situação: “Tinha um grande vazio na minha vida. Eu vivia em busca de resposta e na verdade eu recebi essa resposta através da Palavra, na pregação. Eu tinha dúvidas acerca do pós-morte e eu, como médico, tive a oportunidade de participar de exames cadavéricos na tentativa de saber a *causa mortis*, mas a medicina não me explicava nada sobre o pós-morte” (C. 55 anos, casado). O desafio da Igreja Católica no mundo urbano já estava colocado antes mesmo da emancipação da nova classe média e está relacionado diretamente com a atitude de abertura, acolhimento e oferta de sentido para a vida de seus membros.

IHU On-Line - É possível conciliar os valores morais da Igreja com a valorização ao consumo?

Silvia Fernandes - Considerando a cultura católica e a maneira como a Igreja se coloca diante da economia e do consumo, podemos sugerir que haverá mais ênfase na condenação do chamado “consumo desenfreado” - sempre criticado pela CNBB - e um reforço da ideia de estímulo ao consumo solidário com apoio a iniciativas provenientes da economia solidária e formas alternativas de geração de trabalho e renda, como constam nas diretrizes para a ação evangelizadora no Brasil.

IHU On-Line - Segundo a pesquisa “Economia das Religiões”, da Fundação Getúlio Vargas, o alto nível de pobreza e miséria nas periferias das grandes cidades deixaria a população local suscetível a propostas religiosas que tragam solução imediata. A senhora concorda com isso? Como a Igreja Católica deveria se posicionar em relação a esse dado?

Silvia Fernandes - O que todas as pesquisas estão demonstrando é que nas periferias das grandes cidades crescem pentecostais e os sem religião. O crescimento desse último grupo por si só nos permite relativizar a sua afirmação de que os pobres ficam suscetíveis a novas ofertas religiosas. As condições precárias de existência tanto podem levar à busca de soluções ime-

diatas pela via religiosa quanto a um processo de desinstitucionalização, isto é, abandono das Igrejas e vínculos religiosos. Neste sentido, as igrejas que pretendem recuperar os seus fiéis devem estar atentas às demandas desses indivíduos e atuar numa lógica de apoio, solidariedade e presença e menos numa lógica normativa e tradicionalista. As comunidades que oferecem espaços de partilha e sociabilidade à população das periferias têm logrado êxito diante dessa tendência de desinstitucionalização que sinalizamos.

IHU On-Line - Como a Igreja poderá atualizar seu discurso a partir da nova realidade social e econômica que se instala no país?

Silvia Fernandes - A atualização do discurso da Igreja Católica na atualidade tem enfatizado a juventude e suas formas de atuação por meio das redes sociais. Esta parece ser uma importante estratégia da instituição. Tendo em vista que aumenta o acesso à internet no país, o foco nas possibilidades abertas por esse veículo de comunicação e informação parece nortear cada vez mais a Igreja Católica em suas ações e objetivos. O que estamos percebendo através do monitoramento das notícias sobre a relação entre a Igreja Católica e as novas tecnologias de comunicação é que há uma ênfase na difusão do “bom uso” da rede, ressaltando o caráter ético e responsável das informações nela veiculadas e implementando mensagens de cunho religioso.

IHU On-Line - Como analisa a questão de que o sucesso econômico seria um sinal de Deus? Como o discurso católico se instala nesse contexto?

Silvia Fernandes - Como sabemos, essa é a tese trabalhada por Max Weber² em seu clássico estudo sobre a

2 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o Cadernos IHU em Formação n. 3, 2005, chamada *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I

“A mudança de religião ou a adesão ao neopentecostalismo não está diretamente associada à falta de senso crítico de uma classe com pouca escolarização”

ética protestante e o espírito do capitalismo. A reverberação ou apropriação dessa tese no neopentecostalismo deu origem ao que hoje conhecemos como a Teologia da Prosperidade. Esse discurso não compõe as narrativas da Igreja Católica, mais preocupada com valores como justiça, solidariedade e paz no que tange aos valores universais e - no que diz respeito às prescrições morais - na ênfase na preservação da família e nos temas que daí decorrem, como os novos tipos de união, etc. Considerando a classe economicamente emergente, acredito que a Igreja sinalizará mais para a advertência quanto aos excessos no consumo - tema que norteia todos os seus estudos sobre a modernidade - e na necessidade de se reconstruir uma identidade religiosa nos tempos atuais que fortaleça os vínculos familiares e que ajude a nortear as escolhas pessoais no campo econômico. A ligação entre prosperidade econômica e virtuosidade, ou eleição do fiel por Deus, não faz parte da lógica do catolicismo.

IHU On-Line - Em que sentido o movimento Toca de Assis pode ser um meio para que a Igreja consiga se aproximar mais da nova classe média?

Silvia Fernandes - A Toca de Assis³ como instituto religioso vinha atrain-

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

3 Sobre a Toca de Assis leia a entrevista com Rodrigo Portella feita pela IHU On-Line e disponível em <http://bit.ly/kb24QI>. (Nota da IHU On-Line)

do uma juventude de classe média em várias partes do país. Contudo, após a crise vivida em relação ao afastamento do fundador, o Pe. Roberto Lettieri⁴, há uma reformulação em curso no sentido de adequação do instituto às normas vigentes para a vida religiosa na Igreja. Com essas mudanças, muitos jovens voltaram para suas famílias e algumas casas da Toca mudaram de função ou fecharam. Acredito que a instituição Toca de Assis, por seu caráter beneficente, consegue atrair o que denominam de “benfeitores”, isto é, pessoas geralmente de camada média que contribuem materialmente para o trabalho dos religiosos juntamente com a população de rua. Não temos maiores dados sobre o perfil desses benfeitores, o que não nos permite garantir a extensão possível desse grupo como sintoma de atração da classe média para a Igreja Católica por meio da Toca de Assis.

BAÚ DA IHU On-**LINE**

>> Sobre o tema desta edição, confira o que já foi publicado pela IHU On-Line:

- Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? IHU On-Line número 157, de 26-09-2005, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>;
- Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência. IHU On-Line número 224, de 20-06-2007, disponível em <http://bit.ly/gGMpe4>;
- Uma “nova classe média” brasileira? IHU On-Line número 270, de 25-08-2008, disponível em <http://bit.ly/es4KDP>;
- Novas comunidades católicas: a busca de espaço. IHU On-Line número 307, de 08-09-2009, disponível em <http://bit.ly/jMVNKL>;
- Para onde vai a Igreja, hoje? IHU On-Line número 320, de 21-12-2009, disponível em <http://bit.ly/ehaGmn>;
- Pentecostalismo no Brasil. Cem anos. IHU On-Line número 329, de 17-05-2010, disponível em <http://bit.ly/IHJZuB>;
- Mater et Magistra, 50 anos: Os desafios do Ensino Social da Igreja hoje. IHU On-Line número 360, de 09-05-2011, disponível em <http://bit.ly/kTYBUr>.

4 Roberto José Lettieri (1962): sacerdote católico brasileiro, ordenado em 8 de dezembro de 1996. Em maio de 1994, ainda seminarista, juntamente com três outros jovens, fundou a Fraternidade de Aliança Toca de Assis, obra que se inspira nos ideais de pobreza, obediência, castidade e gratuidade de São Francisco de Assis, e que presta atendimento aos moradores de rua. (Nota da IHU On-Line)

A fraternidade cristã diante do abismo da desigualdade social

Brenda Carranza atribui o avanço neopentecostal ao preenchimento de vazios deixados pelas instituições religiosas em geral e pelo catolicismo em particular

POR GRAZIELA WOLFART

“O desafio da Igreja em se aproximar das classes trabalhadoras, do campo e da cidade, das classes excluídas do mercado e do consumo continua a ser um apelo próprio da sua missão evangelizadora. O que requer, sem dúvida, um redirecionamento das suas opções e estratégias para acompanhar os setores sociais que reivindicam as mudanças estruturais da histórica desigualdade social que se perpetua no Brasil”. A opinião é da socióloga e professora da PUC-Campinas, Brenda Carranza, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Brenda defende a necessidade de se “deflagrar as condições que garantam a melhora significativa de vida nas maiorias para que diminuam, de fato, as desigualdades sociais”. E questiona: “no fim das contas, a fraternidade cristã não almeja eliminar os abismos produzidos por essa desigualdade instalada entre os filhos de um mesmo Pai?”.

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Brenda Carranza é professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas. É coordenadora da Coleção *Sujeitos & Sociedades* da Editora Ideias & Letras, pesquisadora convidada do Center for the Study of Latin American Pentecostalism, da University of Southern California - USC College (<http://crcc.usc.edu/initiatives/pcr/>), pesquisadora responsável do projeto “Religiosidad Popular y Sincretismo Afrocubano en Santiago de Cuba”, pesquisadora convidada do “Proyecto de Investigación Internacional e Interdisciplinario de Pastoral Urbana”, financiado pela Universität de Osnabrück/Deutschland. Dentre suas publicações recentes, citamos *Catolicismo midiático* (Aparecida: Ideias & Letras, 2011); e *Novas Comunidades em busca do espaço pós-moderno* (organizado com Cecília Mariz) (Aparecida: Ideias & Letras, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como vê a tentativa de aproximação da Igreja com a chamada “nova classe média”?

Brenda Carranza - Parece-me importante, antes de tudo, matizar essa constatação. Existe uma tendência na mídia de assumir como um dado consolidado que o Brasil de fato tem uma “nova classe média”. Sabemos que conceituar uma classe é muito mais que associar, de um lado, aumento de renda e, de outro lado, acesso a determinados bens de consumo. Falar em classe média implica agregar à renda um padrão de vida ao qual, nas condições reais brasileiras de desigualdade social e precariedade de serviços públicos, praticamente só a classe média bem situada tem acesso. Esse padrão de vida permite configurar um estilo facilitado por condições que dão acesso a boa educação, planos de

saúde abrangentes (rede hospitalar de qualidade, tratamento odontológico), atendimento psicológico e/ou psiquiátrico, cursos de idiomas, viagens, lazer e entretenimento, academias. Ou seja, usufruir de uma série de itens que conformam um capital cultural para além do aumento no padrão de consumo. Mais ainda, não se pode esquecer que neste momento, de eufórico triunfalismo que proclama o “Brasil do futuro” com a “ampliação de sua classe média”, o dinamismo social que acompanha o franco desenvolvimento econômico advém da classe trabalhadora, porém a um custo muito elevado de sacrifício e de endividamento. Um entre tantos exemplos: a elevação de autoestima de muitos jovens trabalhadores ao ver realizado seu sonho de ter um carro, mesmo que a incontá-

veis prestações, é, ao mesmo tempo, acompanhada de uma rotina de duplo emprego para pagar uma faculdade precária, cursada à noite e com sérios problemas de concentração, disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo. Embora esses mesmos jovens se esforcem por ingressar num mercado competitivo, que exige maior qualificação para lhes garantir a mobilidade social, as possibilidades reais de conquista ficam relegadas a um esforço pessoal extraordinário de viver para trabalhar e de consumir um pouco do que antes não podiam. Daí que melhoria de renda não significa mudança de classe social, menos ainda compartilhar do inerente padrão e estilo de vida, capital cultural historicamente construído e fortemente preservado pelas próprias elites. De tal maneira que o desafio da Igreja em

se aproximar das classes trabalhadoras, do campo e da cidade, das classes excluídas do mercado e do consumo continua a ser um apelo próprio da sua missão evangelizadora. O que requer, sem dúvida, um redirecionamento das suas opções e estratégias para acompanhar os setores sociais que reivindicam as mudanças estruturais da histórica desigualdade social que se perpetua no Brasil.

IHU On-Line - Acredita que a ascensão social de milhares de brasileiros pode enfraquecer as religiões neopentecostais?

Brenda Carranza - É difícil acreditar na ascensão social quase que consensualizada como verdadeira ampliação da classe média. Enquanto a precariedade de qualificação para o acesso ao mercado de trabalho e mesmo as condições de trabalho sejam precárias, os serviços públicos de educação, saúde, lazer e segurança continuam sendo de péssima qualidade e a estabilidade econômica não amorteça as aflições cotidianas da sobrevivência, obviamente que o discurso de sucesso pessoal, fácil e rápido, continuará a ter um apelo maciço entre os menos favorecidos. Nesse sentido, o avanço neopentecostal também é o preenchimento de vazios deixados pelas instituições religiosas em geral, e pelo catolicismo em particular. Esse último não consegue acompanhar o dinamismo de expansão dessas igrejas que se mostram altamente criativas em seus rituais, eficientes na sua organização empresarial e extremamente ágeis na sua inserção em áreas de risco social. A Igreja católica encontra sérias barreiras em sua própria estrutura interna, como é o caso da organização paroquial baseada em critérios territoriais nas metrópoles. Isto é, nas grandes cidades a dinâmica religiosa ora responde a critérios pessoais de gosto e afinidade na escolha de onde e quando participar de experiências religiosas, ora se rege pela lógica de oferta e demanda perante a diversidade de estímulos que podem dar sentido à existência do fiel. Em ambas as situações, as igrejas se veem transformadas em fornecedoras de serviços espirituais. Essa nova conjuntura

“Sem dúvida, as narrativas neopentecostais que prometem o sucesso, como sinais da presença de Deus na vida do fiel, na verdade camuflam perigosas ligações éticas entre ascensão social e experiência religiosa, beneficiando algumas das lideranças, onde muitas delas têm pendência com a justiça”

urbana reformata quaisquer intervenção relevante da Igreja na sociedade, o que exige reorientar a formação dos próprios quadros pastorais. Com isso, mais que perder fiéis para as igrejas pentecostais, a Igreja pode perder o rumo de suas opções pastorais.

IHU On-Line - Como conciliar, no mesmo discurso, os preceitos da Igreja e a valorização do consumo? E aqui lembramos da Campanha da Fraternidade 2010 (não se pode servir a Deus e ao dinheiro...).

Brenda Carranza - É bom diferenciar os discursos institucionais, entendidos como o pronunciamento oficial da Igreja hierárquica no seu conjunto de documentação doutrinal e orientação pastoral. Dificilmente será encontrada uma valorização ao consumo ou consumismo. Muito pelo contrário, a insistente condenação do individualismo, relativismo e hedonismo do atual Papa Bento XVI é uma prova da preocupação da Igreja por não sucumbir aos apelos do consumo. Porém, isso não impede que nas práticas e discursos de um certo catolicismo carismático sucumba à

lógica do marketing religioso, seja por afã de evangelizar com os mais avançados meios tecnológicos, seja em pró de uma modernização eclesial. Do outro lado da balança, a Campanha Ecumênica da Fraternidade de 2010¹, com o tema *Economia e Vida*, enfatizou aspectos muito interessantes que colocam a Igreja Católica, junto a outras igrejas cristãs, numa trilha de educadoras da consciência crítica de seus fiéis e incentivadoras do compromisso social transformador e solidário. O próprio texto-base da Campanha sugere inúmeras ações coletivas que articulem as forças sociais na luta pelos direitos sociais, ambientais, econômicos, a tempo que fortaleçam a construção da cidadania no país.

IHU On-Line - Como analisa a questão de que o sucesso econômico seria um sinal de Deus?

Brenda Carranza - Um olhar retrospectivo da teologia protestante, analisada por Max Weber² na sua obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004), constatou no início da modernidade que, a exortação de glorificar Deus por meio das obras concretizou-se no trabalho disciplinado e na vida austera, desaguando na tão necessária poupança para a acumulação primitiva do capital. Essa teologia que impulsionou os primórdios das igrejas históricas e do capitalismo encontra-se longe da teologia da prosperidade, propulsora do atual neopentecostalismo. O cerne dessa visão teológica encontra-se numa

¹ Campanha Ecumênica da Fraternidade de 2010: com o tema “Fraternidade e Economia”, seu lema foi “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24). (Nota da IHU On-Line)

² Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o Caderno IHU em Formação nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

fé defensora da crença de que o fiel adquiriu o direito neste mundo à saúde e vida material perfeita e próspera, livre do sofrimento e das artimanhas do Diabo. Isso é possível porque Deus concedeu tais bênçãos a quem acredita; cabe o cristão tomar posse delas. Acorados na convicção de que o direito do crente é garantido na fé sobrenatural da retribuição divina, os pregadores disseminam a ideia de que cabe ao fiel “dar para receber”. Alimenta-se a lógica na qual a fé possuidora permite estabelecer uma relação contratual entre Deus e o crente. Deus já cumpriu sua promessa, agora o fiel retribui com dinheiro para receber a multiplicação de seus bens materiais. Após essa abundância vem a ampliação da saúde financeira, o que será lido como expressão de bênçãos e de libertação da pobreza, causada pelo demônio. Mas tudo isso só acontece se o fiel está ligado às obras de Deus que são promovidas nos templos. Assiste-se, então, a fusões interessantes nas quais o templo é sinônimo de máquinas arrecadoras de dinheiro e os discursos que nele se pregam ativam simbolicamente o imaginário de prosperidade pessoal que os fiéis aspiram perante os obstáculos reais de superar as carências materiais da vida cotidiana. Sem dúvida, as narrativas neopentecostais que prometem o sucesso, como sinais da presença de Deus na vida

do fiel, na verdade camuflam perigosas ligações éticas entre ascensão social e experiência religiosa, beneficiando algumas das lideranças, onde muitas delas têm pendência com a justiça.

IHU On-Line - Como o discurso católico se instala nesse contexto?

Brenda Carranza - Em princípio, o discurso cristão, não só o católico, deveria se instalar na contramão da lógica perversa assinalada acima, já que essa mais parece um novo tipo de simonia pós-moderna, para utilizar uma expressão simpática, do que uma experiência religiosa que agregue à vida social a promoção de valores éticos, alicerçados em relações justas, simétricas e fraternas.

IHU On-Line - Em que sentido essa questão se aplica à proposta da Igreja de “sair do comodismo”?

Brenda Carranza - Se comodismo entende-se como uma instituição mais preocupada consigo do que com o seu objeto privilegiado - os mais pobres e excluídos do mundo do trabalho e do consumo - e seu objetivo a evangelização - lutar pela concretização dos valores do Reino pregado por Jesus Cristo -, então a Igreja tem um grande incentivo pela frente. Pois num país que clama para que todas as institui-

ções e organizações da sociedade civil somem esforços na luta por uma vida digna para todos, os crentes e não crentes, as energias religiosas devem canalizar seus suportes subjetivos para promover cidadãos com direitos e corresponsabilidades civis e ambientais. Tarefa que incide diretamente na melhora da estrutura social para além do crescimento econômico, o avanço tecnológico e a dinamização do mercado, ou seja, numa reestruturação dos serviços públicos, na superação da precarização do trabalho, o avanço da reforma agrária e muitos etcéteras estruturais. Dito de outra maneira: deflagrar as condições que garantam a melhora significativa de vida nas maiorias para que diminuam, de fato, as desigualdades sociais. No fim das contas, a fraternidade cristã não almeja eliminar os abismos produzidos por essa desigualdade instalada entre os filhos de um mesmo Pai?

LEIA MAIS...

>> Brenda Carranza já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

* Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja. Publicada na edição número 307, de 08-09-2009, disponível em <http://bit.ly/jGeqyp>.

ObservaSinos - Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do Sinos

**Ministrantes: Prof. Ademir Barbosa Koncher,
do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

**Data: 24/8/2011
Horário: das 14h à 17h**

Informações em www.ihu.unisinos.br

A delicada ligação entre opção religiosa e ascensão socioeconômica

Joel Portella Amado considera que um bom caminho espiritual para as chamadas “novas classes médias” passa não apenas por relações fraternas entre os membros das comunidades, mas também pelo contato direto com os crucificados da terra e, pensando ecologicamente, com a Terra crucificada

POR GRAZIELA WOLFART

“**P**ara a chamada nova classe média, não podemos oferecer o mesmo cristianismo de serviços, ainda que sejam serviços atualizados ao tempo atual, como é o caso de certos atendimentos excessivamente voltados para os prodígios e os resultados imediatos e individualizados. Precisamos oferecer a possibilidade de efetiva vida comunitária, abrindo espaço, indicando possibilidades e acompanhando em meio às crises e aos avanços”. A conclusão é de Joel Portella, padre, professor na PUC-Rio, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele compreende a proposta de aproximar a Igreja Católica da “nova classe média” como “um dos vários esforços da Igreja para acompanhar os novos ritmos do mundo, encarnando-se nas realidades que vão surgindo”.

Joel Portella Amado possui graduação em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde é professor. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a proposta de aproximar a Igreja da “nova classe média brasileira”?

Joel Portella Amado - Eu a compreendo como um dos vários esforços da Igreja para acompanhar os novos ritmos do mundo, encarnando-se nas realidades que vão surgindo. Esta aproximação, por certo, deve ser considerada dentro de um conjunto de atitudes que colocam a Igreja no que se tem chamado de nova evangelização. Não implica distanciamento dos demais setores sociais.

IHU On-Line - Podemos identificar que em locais onde as pessoas ascenderam socialmente diminuiu a presença de evangélicos? Como entender esse processo?

Joel Portella Amado - Não tenho dados concretos para fazer esta afirmação. Estou ainda com os dados do penúltimo Censo e de algumas pesquisas que se seguiram, as quais afirmaram que os bol-

sões de pobreza em torno das grandes cidades apresentavam-se mais voltados para o pentecostalismo, enquanto áreas com melhor situação econômica permaneciam católicas. Se este fato mudou, preciso aguardar e mesmo agilizar meus estudos em relação aos dados do novo Censo. Creio que a ligação muito direta entre opção religiosa e ascensão socioeconômica é delicada de se fazer. Do modo como está formulada a questão, tende a identificar catolicismo com ascensão social e protestantismo com pobreza, enquanto as relações, em nossos dias, não são tão bicolores assim. A realidade se manifesta de modo mais complexo. Sabemos que o protestantismo não se restringe ao neopentecostalismo e que este se manifesta também nos ambientes católicos. Sabemos que uma das razões para o sucesso do neopentecostalismo é a promessa de resultados imediatos e personalizados, num mundo em que falharam os grandes projetos e as instituições que os

poderiam garantir. Este aspecto ajuda a explicar a relação pobreza/neopentecostalismo. Deixa de fora, contudo, certo tipo de neopentecostalismo de classe média e mesmo de classe alta, presente, como lembrei, tanto no catolicismo quanto no protestantismo. A questão, a meu ver, é que o neopentecostalismo não pode ser restrito a este aspecto da solução imediata dos problemas. Ele tem outras vertentes que podem e devem ser estudadas, como, por exemplo, a individualização, o já referido caráter imediato das soluções, a contínua novidade, a emotividade, entre outros. Estes elementos fazem parte de uma dinâmica religiosa que transcende a questão especificamente socioeconômica. Precisam ser considerados nos planejamentos pastorais.

IHU On-Line - Como a relação entre fé e comunidade pode ser importante para a proposta de ampliar a atuação da Igreja na chamada “nova

classe média”?

Joel Portella Amado - A relação entre fé e comunidade é importante não apenas para a chamada “nova classe média”. Ela faz parte integrante da experiência cristã e, sem ela, não se pode falar plenamente em cristianismo. Trata-se, a meu ver, de um dos grandes desafios para a Igreja Católica em nosso tempo. As estruturas usuais de vida comunitária não têm apresentado muito fôlego para permitir uma efetiva experiência de comunidade. Algumas novas estruturas têm manifestado certa atratividade, mas ainda carecem de melhor inserção na pastoral de conjunto, na missionariedade e no compromisso sociotransformador. É neste sentido que destaco a importância da tendência às redes de comunidades, assumidas desde a Conferência de Santo Domingo¹ (1992) e ratificadas pela Conferência de Aparecida² (2007). Estas pequenas comunidades, com relacionamentos diretos, convívio, fraternidade, solidariedade, serviços e ministérios, permitem um salto qualitativo na vivência da experiência cristã, para além de um cristianismo de momentos. Para a chamada “nova classe média”, não podemos oferecer o mesmo cristianismo de serviços, ainda que sejam serviços atualizados ao tempo atual, como é o caso de certos atendimentos excessivamente voltados para os prodígios e os resultados imediatos e individualizados. Precisamos oferecer a possibilidade de efetiva vida comunitária, abrindo espaço, indicando possibilidades e acompanhamento em meio às crises e aos avanços. Considero muito importante

1 Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: realizada em Santo Domingo no período de 12 a 28 de outubro de 1992. A Conferência foi convocada e inaugurada pelo Papa João Paulo II. A convocação colocou em evidência o quinto centenário da evangelização da América. O Papa propôs à Conferência os temas “Nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã”. (Nota da IHU On-Line)

2 Documento de Aparecida: A V conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu de 13 a 31-05-2007, em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência. Sobre o tema, a IHU On-Line produziu uma revista especial em 20-6-2007, edição 224, intitulada *Os rumos da Igreja a partir de Aparecida. Uma análise do documento final da V Conferência*, disponível em <http://bit.ly/df-blk>. (Nota da IHU On-Line)

“As estruturas usuais de vida comunitária não têm apresentado muito fôlego para permitir uma efetiva experiência de comunidade”

o n. 179³ do Documento de Aparecida. Eu o entendo como critério para todas as pequenas comunidades.

IHU On-Line - Como conciliar as marcas históricas da Igreja com o momento social e econômico vivido pelos brasileiros atualmente?

Joel Portella Amado - Com uma forte capacidade de distinguir o que é histórico do que é dado de fé. Esta distinção existe, embora nem sempre seja fácil de encontrar. Quando surgem momentos históricos como o atual, em que as transformações são demasiado profundas a ponto de usarmos a expressão mudança de época, torna-se aguda a questão da distinção entre o que faz parte irrenunciável da Fé Cristã e o que, por outro lado, é expressão cultural desta mesma fé. A atual mudança de época tem uma característica da qual não podemos nos esquecer. Ela aconteceu em um período muito curto. Não se passaram muitas gerações para que as transformações acontecessem. Podemos mesmo dizer que tudo ocorreu dentro do tempo

³ Número 179, na íntegra: “As comunidades eclesiais de base, no seguimento missionário de Jesus, têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus pastores como guia que assegura a comunhão eclesial. Demonstrem seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. Mantendo-se em comunhão com seu bispo e inserindo-se no projeto de pastoral diocesana, as CEBs se convertem em sinal de vitalidade na Igreja particular. Atuando dessa forma, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias, fazendo delas uma comunidade de comunidades. Em seu esforço de corresponder aos desafios dos tempos atuais, as comunidades eclesiais de base terão o cuidado de não alterar o tesouro precioso da Tradição e do Magistério da Igreja”. (Nota da IHU On-Line)

de uma geração. Hoje, temos pessoas que viveram o pré-concílio, atravessaram os tempos de forte compromisso sociotransformador e agora se veem diante dos desafios de um cristianismo vivenciado de modo bem distinto. Três concretizações da fé em muito pouco tempo. Dentre estas condições irrenunciáveis ao cristianismo, sabemos que a sensibilidade aos pobres, aos excluídos, é parte integrante da fé e não apenas expressão cultural. A Conferência de Aparecida assim o confirmou, destacando que a opção preferencial pelos pobres faz parte integrante daquele que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. O que pode ocorrer é a recompreensão desta opção na hora de concretizá-la. Este é um desafio aberto à história e à vida das comunidades.

IHU On-Line - Como a questão do consumismo, marca da chamada “nova classe média”, se relaciona com a dimensão comunitária essencial à vivência da fé?

Joel Portella Amado - Em princípio, como dois pontos não conciliáveis. O consumismo, com todos os demais “ismos” a ele ligados, fere diretamente a experiência cristã, atingindo o ser humano naquilo que ela tem de mais sublime: a articulação entre o encontro com Deus e o encontro com o irmão. O consumismo, bem sabemos, substitui a relação com o outro pela relação com os bens, no sentido de satisfazer o próprio eu. O encontro com o irmão só ocorre quando efetivamente acontecem alteridade e gratuidade e estas só podem ser experimentadas quando, de fato, acontece vida comunitária. Conheço algumas experiências de comunidade em classe média, onde exatamente a vida de comunidade se tornou fonte de “recompreensão” da vida global, com forte crítica ao consumismo. Em um dos casos, chamou bastante minha atenção a preocupação quanto a educar os filhos para um mundo que não seja consumista. Os resultados, até o momento, têm sido interessantes. Os pais reconfiguraram as opções de trabalho, fazendo-se mais presentes junto aos filhos. As famílias têm o compromisso de participar em projetos assistenciais e ecoló-

gicos. Neste momento, estas famílias se aproximam de um período de teste para esta opção, pois os filhos estão ingressando na adolescência e vão sofrer a pressão do consumismo. O futuro haverá de nos mostrar os resultados.

IHU On-Line - Como a chamada “nova classe média” pode viver hoje a espiritualidade cristã?

Joel Portella Amado - A espiritualidade cristã é sempre marcada por alteridade e gratuidade. Podem diversificar as concretizações histórico-culturais. Permanecem, contudo, estas duas características como indispensáveis. Sem o reconhecimento do outro como efetivamente outro, capaz de me interpelar e me fazer rever meus rumos, não posso dizer que realmente me encontro no caminho do Deus revelado por Jesus Cristo. Se este Deus é um contínuo mostrar-se e esconder-se, de modo a não ser dominado nem manipulado, mas estabelecer relacionamento, não há como pensar em qualquer tipo de espiritualidade, seja para quem for, se não houver esta capacidade de se abrir ao outro e se abrir de modo o mais gratuito possível. Neste sentido, penso que um bom caminho espiritual para as chamadas novas classes médias passa não apenas por relações fraternas entre os membros das comunidades, mas também pelo contato muito direto com os crucificados da terra e, pensando ecologicamente, com a Terra crucificada. Os cristãos, diz S. Paulo, seguem a Cristo e Cristo Crucificado, loucura e escândalo. Seguir a Cristo Crucificado implica necessariamente sensibilidade para com os crucificados. É, portanto, impossível viver uma espiritualidade fecunda sem abertura aos pobres e sofredores. Repito que pode variar o tipo de sofrimento e o modo ele é enfrentado. Não pode, todavia, carecer de solidariedade.

IHU On-Line - Considerando a recente ascensão econômica do extrato social brasileiro em questão, o senhor vislumbra que cenário religioso?

Joel Portella Amado - Eu vejo o cenário religioso brasileiro como desafiador. Digo isto não apenas por causa da ascensão econômica que deu ori-

“O consumismo fere diretamente a experiência cristã”

gem a esta conversa e que fará repensar muitas formas de compreensão do Evangelho. Refiro-me também a diversos outros aspectos que estão interagindo com esta realidade. A mencionada mudança de época deslocou uma série de fatores que, até não muito tempo, permitiam a transmissão e a vivência da fé. Pensemos, por exemplo, na instituição familiar, com todas as transformações pelas quais tem passado. Pensemos no ecumenismo e no diálogo inter-religioso. Pensemos na incapacidade de determinadas estruturas pastorais não mais corresponderem às expectativas das pessoas. Imaginemos os novos sentidos para o protagonismo do laicato e mesmo a concretização da identidade dos ministros ordenados. Em cada um destes itens, poderíamos permanecer longo tempo refletindo. No momento, porém, importa reconhecer que o cenário é complexo, que as certezas estão débeis e que um novo momento histórico deve ser buscado e construído. Às religiões cabe o importante papel de contribuir para que este novo seja um salto qualitativo diante do que experimentamos com a época histórica que talvez esteja indo embora. Digo isto porque, se as religiões se mantiverem numa perspectiva de aguda modernidade, ou seja, afirmando-se individualmente, o cenário religioso será de competição e concorrência por clientela. Se, ao invés, encontrarem, ainda que gradativamente, espaço para o diálogo e o convívio fraterno, em busca do bem comum, a contribuição poderá ser grande.

IHU On-Line - Que caminhos religiosos o senhor acredita que devem tomar os brasileiros movidos pela sede do consumo? Que maneiras de buscar o sagrado eles podem optar e como a Igreja Católica deve agir nesse sentido?

Joel Portella Amado - Por certo,

afastar-se deste caminho consumista. O problema é que só largamos algo quando temos outro maior. Em nossos dias, o consumismo é a forma concreta, palpável, das metas e ideais que marcam a vida de boa parcela de nossa gente. A descrença diante de metas no médio e longo prazo, a tão falada crise das utopias, este processo, enfim, acabou por immanentizar por demais os sonhos e as causas. Tudo tende a acontecer dentro da história, em um prazo que não pode ultrapassar o aqui e o agora. Consequentemente, o único caminho para interpelar esta realidade é o da experiência concreta de fraternidade e de solidariedade, já mencionados nas questões anteriores. A fraternidade deve ser experimentada através da vida comunitária e a solidariedade, através do compromisso com os sofredores. A vida em comunidade implica possibilitar e acompanhar o fortalecimento da rede de pequenas comunidades. A solidariedade implica não deixar que os excluídos permaneçam como tal. Implica trazê-los aos primeiros lugares da agenda pastoral, com ações bem concretas. Pode ocorrer que tanto no aspecto da fraternidade quanto - mais ainda - no da solidariedade, seja necessário dar passos que alguns considerariam como retrocesso. Não penso, contudo, que seja retrocesso. É muito mais concretização atual dos valores eternos do Evangelho.

IHU On-Line - Como a Igreja Católica pretende convencer seus fiéis de que o dinheiro não é importante se ela ostenta tanta riqueza?

Joel Portella Amado - Só existe um caminho para o convencimento, seja ele em que esfera for. Trata-se do testemunho. Foi por isso que eu me referi, na questão anterior, a trazer a solidariedade para os primeiros lugares da agenda pastoral. O testemunho sempre fez parte da experiência cristã. Nestes tempos em que muito se fala, mas pouco se diz, nestes tempos de crise dos grandes sentidos e discursos, o testemunho adquire um papel ainda mais importante. Assim como as pessoas tendem a se mobilizar em torno

“A espiritualidade cristã é sempre marcada por alteridade e gratuidade”

de uma pessoa famosa, de um artista, tendem igualmente a se sensibilizar diante da dinâmica testemunhal, que é tanto individual quanto comunitária. No campo individual, o testemunho se destaca porque estamos passando por um momento histórico de forte individualização. As instituições não são capazes de neutralizar ou se sobrepor aos atos individuais. Assim, o bem ou o mal que um cristão ou uma cristã vier a fazer terá a força de confirmar ou não sua opção pelo Reino de Deus. O importante é reconhecer que também as instituições, mesmo estando num período de baixa cotação enquanto instituições, também são chamadas a dar o mesmo testemunho, assumindo, em suas opções, a simplicidade, o despojamento, o espírito de serviço e o diálogo com o diferente, entre outros aspectos.

Com relação à velha questão da riqueza da Igreja, convém avaliar do que estaríamos efetivamente falando. É provável que a fala esteja se referindo a determinados bens culturais que fazem parte do patrimônio da humanidade e que estão sob os cuidados da Igreja. É possível que esteja também se referindo a testemunhos que, de fato, precisariam ser revistos. Seja qual for o caso, penso que é importante olhar também para diversas situações em que a Igreja não ostenta riqueza. Conheço boa parte da Igreja do Brasil. Tenho partilhado da simplicidade e da solidariedade de tantos católicos, que aprendi a não me preocupar tanto com o outro lado da moeda. Preocupo-me, por certo, com a presença transconfessional de um certo tipo de pensamento da prosperidade que relaciona sucesso, especialmente financeiro, com a ação de Deus. Nestes casos, de fato, só mesmo o que Jesus mencionou em Mc 9,29⁴.

4 Mc 9, 29: “Jesus respondeu: Esta espécie de demônios não pode ser expulsa de nenhum modo, a não ser pela oração” (Nota da IHU On-Line)

Uma Igreja atenta aos “sinais dos tempos”

Entender as necessidades específicas da chamada “nova classe média” é um desafio para as religiões, aponta a socióloga Lucia Ribeiro

POR GRAZIELA WOLFART

Para Lucia Ribeiro, há uma forma de conciliar os valores da Igreja Católica com a questão do consumo, que tem forte apelo entre a chamada “nova classe média”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, ela faz a seguinte reflexão: “a Igreja sempre enfatizou a justiça social e a solidariedade com os mais pobres e, nesta perspectiva, é crítica a um consumismo exagerado, particularmente em um país como o nosso, marcado por enormes desigualdades. Isto não significa, entretanto, negar a importância do acesso a bens materiais e culturais essenciais, que possibilitam uma melhor qualidade de vida. No momento em que se abre esta possibilidade para os que nunca tiveram acesso a ela, é perfeitamente justo que possam usufruí-la. De forma alguma devem ser culpabilizados nem se sentir culpados por um discurso anticonsumista”. A socióloga considera que “a condição básica é que a Igreja esteja atenta aos ‘sinais dos tempos’ e saiba compreendê-los, para poder traduzir a palavra do Evangelho em uma linguagem atual. Para tanto, será indispensável que repense também sua própria estrutura interna, ampliando a dimensão de diálogo e de participação de todos os filhos e filhas de Deus”.

Lucia Ribeiro é doutora em Sociologia pela Universidade do México. É também assessora de movimentos sociais, particularmente vinculada às Comunidades Eclesiais de Base - CEBs. É autora de *Entre (in)certezas e contradições: práticas reprodutivas entre mulheres das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica* (Rio de Janeiro: NAU, 1997) e *Sexualidade e reprodução: o que os padres dizem e o que deixam de dizer* (Petrópolis: Vozes, 2001). Em parceria com Leonardo Boff, escreveu o livro *Masculino/Feminino: experiências vividas* (Rio de Janeiro: Record, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais desafios que a senhora aponta, no cenário atual, para as religiões, considerando o novo momento político e econômico brasileiro, principalmente a partir do aparecimento da chamada “nova classe média”?

Lucia Ribeiro - Talvez o principal desafio hoje seja, em primeiro lugar, o de compreender a nova realidade em sua complexidade. Isto significa não

só conhecer as questões que se colocam como prioritárias, no momento atual, como também a linguagem em que são formuladas. A revolução nos meios de comunicação - particularmente no campo da informática - abre possibilidades inesperadas, no campo da informação e da comunicação, que não podem ser ignoradas. Por sua vez, a própria emergência da chamada “nova classe média” é um

fenômeno recente, e suas consequências ainda são pouco conhecidas. Entender suas necessidades específicas é um desafio para as religiões.

IHU On-Line - Quais os principais elementos que permeiam a relação entre religião e sexualidade e religião e migração? Como esses binômios se caracterizam especificamente na classe média?

Lucia Ribeiro - A ampla liberdade com a qual se trata a questão da sexualidade, na sociedade atual, contrasta fortemente com o clima anterior de repressão. Entretanto, ao questionar normas antiquadas e pouco adaptadas a novas realidades, facilmente se cai hoje em uma atitude de total relativismo moral, em que impera um “vale-tudo” generalizado, que apenas leva em conta o interesse imediato. Neste contexto, explicitar os grandes valores éticos que deveriam iluminar o comportamento nesta área certamente é uma função fundamental das religiões. Para isto, entretanto, teriam que renunciar aos discursos moralistas e à imposição de normas estabelecidas *a priori*, que habitualmente caracterizam seu comportamento no campo da doutrina moral; teriam que abrir-se, sem preconceitos, às novas exigências da realidade, e a partir das mesmas formular um discurso ético que possa orientar as opções pessoais, respeitando sua liberdade e a consciência de cada um/a. No caso dos setores médios - especialmente ciosos de sua liberdade -, eles só poderão entrar em diálogo com as religiões, neste campo, se encontrarem uma atitude de compreensão e de não imposição. No caso da migração, processo que implica sempre dificuldades e perdas, as religiões podem jogar um papel insubstituível. Além de cumprir uma função explicitamente religiosa, trazem também um apoio no campo material, emocional e afetivo, garantindo, além disto, um espaço identitário, vinculado ao lugar de origem dos migrantes, que pode facilitar a integração ao novo destino. Na realidade, as diversas igrejas - particularmente as cristãs - já vêm tendo uma atuação importante neste campo. Porém, mais além do apoio que possam trazer, é fundamental que tomem a defesa dos direitos dos migrantes, en-

quanto pessoas humanas: o direito de ir e vir, o direito ao trabalho e à moradia, a possibilidade de ter documentação.

Com relação aos setores médios, o desafio importante seria o de conscientizá-los sobre esta problemática - já que estes frequentemente a ignoram - e abrir possíveis espaços de atuação.

IHU On-Line - É possível conciliar os valores da Igreja com o apelo ao consumo?

Lucia Ribeiro - A Igreja sempre enfatizou a justiça social e a solidariedade com os mais pobres e, nesta perspectiva, é crítica a um consumismo exagerado, particularmente em um país como o nosso, marcado por enormes desigualdades. Isto não significa, entretanto, negar a importância do acesso a bens materiais e culturais essenciais, que possibilitam uma melhor qualidade de vida. No momento em que se abre esta possibilidade para os que nunca tiveram acesso a ela, é perfeitamente justo que possam usufruí-la. De forma alguma devem ser culpabilizados nem se sentir culpados por um discurso anticonsumista.

IHU On-Line - Como a Igreja poderá atualizar seu discurso a partir da nova realidade social e econômica que se instala no país?

Lucia Ribeiro - A condição básica é que a Igreja esteja atenta aos “sinais dos tempos” e saiba compreendê-los, para poder traduzir a palavra do Evangelho em uma linguagem atual. Para tanto, será indispensável que repense também sua própria estrutura interna, ampliando a dimensão de diálogo e de participação de todos os filhos e filhas de Deus.

IHU On-Line - Quais as bases conceituais da Rede de Cristãos das Classes Médias? O que é ser um cristão de classe média? Quais seus valores?

Lucia Ribeiro - A Rede de Cristãos das Classes Médias assume o compromisso cristão com a humanização e a libertação. Nesta ótica, preocupa-se em conhecer e analisar a realidade atual, tendo em vista uma ação transformadora para chegar a um mundo de justiça e de paz. Os valores que caracterizam um cristão ou uma cristã de

classe média podem sintetizar-se na frase de um de seus coordenadores, Hélio Amorim: “a marca da nossa fé e ação transformadora no mundo (é) a Mesa da partilha. Partilhar o que temos, o que somos, o que sabemos e o nosso tempo para o serviço ao outro, preferencialmente aos mais pobres” (Boletim Rede de Cristãos das Classes Médias - Ano XVIII - Maio 2011 - n. 221).

IHU On-Line - Como um brasileiro da “nova classe média”, que há pouco ascendeu economicamente, olha para a Igreja Católica?

Lucia Ribeiro - Longe de ser uma instituição unívoca, a Igreja Católica é perpassada por inúmeras correntes, articulando a diversidade de linhas na unidade da Fé em Jesus Cristo. Ao olhar para esta Igreja, um brasileiro (ou brasileira) da “nova classe média” tem diante de si diversas imagens: pode descobrir sua dimensão militante, unindo fé e vida na luta pela justiça social e pelos direitos humanos, através das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, das pastorais sociais, dos grupos de oração e reflexão, e da atuação da CNBB nesta área. Mas também pode descobrir sua dimensão conservadora, restringindo-se a uma dimensão espiritualista, centrada no aspecto privado; ou até vê-la como um ator político, que pode ter uma atuação positiva - ou negativa - no campo das políticas públicas.

LEIA MAIS...

>> Lucia Ribeiro já deu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira o material na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br)

* A situação dos migrantes brasileiros em Atlanta. Artigo publicado nas Notícias do Dia, de 18-11-2008, disponível em <http://bit.ly/iygUFg>;

* Em defesa da vida: a Igreja e a questão do aborto. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, de 06-03-2008, disponível em <http://bit.ly/jGqeaM>;

* A interrupção voluntária da gravidez: questões em aberto no interior da Igreja Católica. Entrevista publicada nos Cadernos IHU em formação, número 25, de 18-04-2008, intitulado Aborto. Interfaces históricas, sociológicas, jurídicas, éticas e as consequências físicas e psicológicas para a mulher, disponível em <http://bit.ly/ag6217>;

* Bonjour, limites! Artigo publicado na **IHU On-Line** número 290, de 20-04-2009, disponível em <http://bit.ly/kvdYX2>.



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Teologia Pública

A supressão da Companhia de Jesus: episódio-chave de sua ação nas fronteiras da fé

Jornalista e escritor espanhol, Pedro Lamet acaba de lançar um romance histórico, *El último jesuíta*, em que relata como, em 1773, o Papa Clemente XIV, incitado pelo rei espanhol Carlos III, suprimiu a Companhia de Jesus de todos os territórios católicos do mundo

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Em 1773, por meio da breve *Dominus ac redemptor*, o Papa Clemente XIV, incitado pelo rei espanhol Carlos III, suprimiu a Companhia de Jesus de todos os territórios católicos do mundo. E foi em países não católicos, principalmente Prússia e Rússia, onde a autoridade papal não era reconhecida, que essa ordem foi ignorada, e a Companhia pôde continuar existindo - embora no exílio. Somente 41 anos depois, em 1814, é que o Papa Pio VII leu a bula *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, que revogava o breve de Clemente XIV e restaurava a Companhia.

Todo esse episódio virou um romance histórico pelas mãos do jornalista e escritor jesuíta espanhol, Pedro Miguel Lamet. Seu livro *El último jesuíta* (Ed. La Esfera de los Libros, 2011, 628 p.) relata uma história não apenas baseada em um fato verídico: “Tudo é verídico no meu livro, até a ambientação, a forma de comer e de vestir, as comunicações, os mínimos detalhes da vida cotidiana, salvo, é claro, os personagens de ficção que dão unidade ao relato”, afirma, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Ao analisar os pormenores desse período histórico e das atitudes tomadas pelos jesuítas de então, Lamet reconhece que “a história da Companhia está cheia de conflitos”. Para ele, “o segredo de sua eficácia foi, de um lado, os Exercícios Espirituais, que cria homens livres e despertos, com independência de critério e ousadia apostólica. De outro, seu nível cultural e compromisso com as pessoas onde trabalha”. Por isso, hoje, quando os jesuítas possuem “menos meios humanos”, a valentia apostólica é a mesma, ou ainda maior: o desafio é sempre trabalhar dentro da Igreja nas fronteiras da fé. “E todas as fronteiras, já se sabe, sempre são e serão perigosas”, afirma.

Pedro Miguel Lamet é escritor, poeta e jornalista jesuíta espanhol. Entrou na Companhia de Jesus em 1958, onde se formou em Filosofia, Teologia, Ciência da Informação e Cinematografia. Foi professor de Estética e Teoria do Cinema nas universidades de Valladolid, Deusto e Caracas, sendo também crítico literário e cinematográfico. Trabalhou como redator da emissora internacional Rádio do Vaticano e, em 1981, foi nomeado diretor da revista semanal *Vida Nueva*, da qual havia sido editor e editor-chefe desde 1975. Na década de 1980, trabalhou em diversos veículos da mídia espanhola, como a Rádio Nacional de España, Radio 1, El Globo, Tiempo e El País. Atualmente, é diretor da revista bimestral de desenvolvimento pessoal *A vivir*. Entre suas inúmeras publicações, destacamos *Arrupe, una explosión en la Iglesia* (Ed. Temas de Hoy, 2007, 10. ed.); *Hombre y Papa* (Biografia de João Paulo II) (Ed. Espasa Calpe, 2005; *Díez-Alegría: Un jesuíta sin papeles: la aventura de una conciencia* (Ed. Temas de Hoy, 2005, 2. ed.); e *El místico: Juan de la Cruz* (Ed. La esfera de los libros, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Seu livro *El último jesuíta* é narrado em formato de romance. Por que esse gênero literário? E como se deu o processo de produção? Foi baseado em alguma

história verídica?

Pedro Miguel Lamet - Hoje, existem dois formatos dentro do *boom* do romance histórico. Um recria a história com tanta liberdade que a inventa e

até a deforma. Para esse tipo de livro, o romance é mais importante do que a história. E uma segunda maneira de escrever, que é que eu cultivo na herança de mestres como Walter Scott¹,

¹ Sir Walter Scott (1771-1832): poeta e escri-

Tolstoi², Sienkiewicz³ ou o nosso Benito Pérez Galdós⁴, que quer ser muito fiel aos dados históricos, levados nas asas, isso sim, de uma ficção o mais atrativa possível. Assim são, por exemplo, meus romances sobre Inácio de Loyola⁵, Francisco Xavier⁶, João da Cruz⁷, Francisco de Borja⁸.

tor escocês, reconhecido como o criador do romance histórico (Nota da IHU On-Line).

2 **Liev Tolstoi** (1828-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerre e Paz*, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstoi), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da IHU On-Line)

3 **Henryk Adam Aleksander Pius Sienkiewicz** (1846- 1916): escritor polonês, foi galardoado com o Nobel de Literatura de 1905. É considerado um dos mais brilhantes escritores da segunda metade do século XIX. A sua obra mais conhecida é o clássico da literatura também adaptado ao cinema *Quo Vadis* (Nota da IHU On-Line).

4 **Benito Pérez Galdós** (1843-1920): foi um novelista espanhol, formado em direito, mas cuja vida foi dedicada à literatura. Em sua obra, reflete-se o século XIX na vida espanhola, em seus aspectos civis e políticos. Sua produção literária com mais de uma centena de volumes abrange a Espanha desde as classes mais humildes até a burguesia e a nobreza. É considerado um escritor realista (Nota da IHU On-Line).

5 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

6 **Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. (Nota da IHU On-Line)

7 **João de Yepes ou São João da Cruz** (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado "Patrono dos Poetas Espanhóis". Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. (Nota da IHU On-Line)

8 **Francisco de Borja e Aragão ou São Francisco de Borja** (1510-572): foi Duque de Gandia, na atual Espanha, bisneto do Papa Alexandre VI e bisneto do rei Fernando II de Aragão, e

No entanto, no caso de *El último jesuíta* a concepção foi especialmente difícil, pois me encontrei com fontes muito dispersas. Investigou-se muito sobre o tema, mas a partir de monografias muito parciais, que abordam aspectos muito concretos, como os estudos centrados nos políticos Roda, Moñino, Campomanes, Aranda e o rei Carlos III. Também na navegação dos exilados, seus diários, negociações em Roma, ou então na obra literária do padre Isla⁹, na biografia de São José Pignatelli¹⁰, e assim por diante.

Era uma autêntica enxurrada de materiais o que eu tinha sobre a mesa e não sabia como lhe dar forma. Finalmente, criei uma família galega, os Fonseca, cujo pai é secretário do Conselho de Castela. O enredo se articula, sobretudo, na vida dos dois personagens, seus filhos, Mateo e Javier, alunos de um colégio de jesuítas, que ingressam posteriormente no noviciado. Mateo, apaixonado por sua prima María Luisa, deixa a Companhia e se coloca ao lado dos perseguidores por razões políticas e econômicas; enquanto Javier, que persevera na ordem, sofre ao lado dos perseguidos. Isso me permite abranger as duas óticas da expulsão e da supressão, de dentro e de fora, em todos os seus aspectos de intriga política, eclesiástica e, o que é muito importante para um romance, de impressionante drama humano.

Em todo o caso, por que um romance e não um livro de história? Em geral, os livros de história são muito cansativos. Como jornalista e escritor, eu gosto de chegar ao grande público. Por outro lado, como digo, não é que eu tenha me baseado em uma história verídica: é que tudo é verídico no meu livro, até a ambientação, a forma de comer e de vestir, as comunicações, os mínimos detalhes da vida cotidiana,

fez-se jesuíta logo após enviudar. Foi canonizado em 1671. Exerceu o cargo de vice-rei da Catalunha. Foi o terceiro superior geral da Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

9 **José Francisco de Isla de la Torre y Rojo** (1703-1781): historiador, crítico e novelista jesuíta espanhol. Sua obra mais famosa é *Historia del famoso predicador fray Gerundio de Campazas, alias Zotes* (1758) (Nota da IHU On-Line).

10 **José Pignatelli** (1737-1811): jesuíta espanhol, contribui na restauração da Companhia de Jesus. Foi canonizado por Pio XII em 1954. (Nota da IHU On-Line)

salvo, é claro, os personagens de ficção que dão unidade ao relato.

O resultado, para mim, foi, salvando-se as distâncias, uma investigação exaustiva, um sem fim de leituras, momentos de desassossego, mas, ao mesmo tempo, de aprendizagem e de iluminação sobre uma época que eu desconhecia e que, como a história em seu conjunto, é mestra de vida. Com o agravante de que a minha incumbência era também de criação, de pôr em cena, como em um filme ou em grandes relatos de televisão, fatos e personagens, até convertê-los em vida.

IHU On-Line - Seu Seu romance narra um fato histórico marcado por uma delicada conjunção de poder, política e igreja. Como esses três elementos se manifestam historicamente na supressão da Companhia de Jesus?

Pedro Miguel Lamet - Partimos de uma época muito peculiar, o século XVIII europeu, marcado pelo Despotismo Iluminado e pelos Pactos de Família das monarquias borbônicas. Na França, imperava o galicanismo e, em geral, o regalismo nas monarquias europeias. Isto é, os reis queriam controlar o poder da Igreja e, para isso, lhes escapavam, sobretudo, as ordens religiosas isentas, principalmente a Companhia de Jesus, com seu quarto voto de obediência ao papa. No entanto, o poder do papa e dos bispos o controlavam de alguma forma. Por exemplo, na Espanha, com a *Exequatur*, uma lei que permitia o governo publicar ou não documentos segundo seus interesses para seus fins políticos.

Os jesuítas, por outro lado, encontravam-se no auge de sua capacidade de influência na sociedade da época. Havia sido confessores de reis, talvez o maior equívoco da história da Companhia de Jesus - escrevi um livro sobre o assunto, *Yo te absuelvo, majestad. Confesores de reyes y reinas de España* (Ed. Temas de Hoy, 1991/2004) -, e controlavam, na prática, o mundo da educação e da cultura. Se somarmos a isso o fato de que o governo havia estado nas mãos de nobres, até então, formados por jesuítas, não há dúvida do poder que a Companhia ostentava até esse momento.

Com a irrupção, na política, de

ministros *manteístas* (não nobres que haviam tido acesso à educação), estabeleceu-se uma perseguição vingativa e iluminista contra a Companhia e seus amigos. A isso, contribuiu, sem dúvida, a condenação do jansenismo pelo papa, a doutrina do probabilismo na teologia moral, considerado como laxo por um setor, a teoria do tiranicídio (não regicídio, como falsearam alguns) do Pe. Mariana¹¹, a tentativa de beatificar seu grande inimigo, o bispo Palafox¹², vice-rei do México (que, aliás, acaba de ser beatificado agora na Espanha), e uma série de calúnias, como a de que os jesuítas haviam instigado para provocar o famoso Motim de Esquilache¹³; que tinha um império na América, cujo rei seria um tal Nicolau I, com um exército de escravos para invadir a Europa; e os ciúmes de outras ordens e congregações religiosas. A isso, une-se o medo feroz de Carlos III, que fugiu do Motim por um túnel do palácio até Aranjuez, ao qual seus ministros haviam repreendido duramente, sobretudo Tanucci¹⁴, conselheiro de seu filho, em cartas quase diárias de Nápoles.

11 **Juan de Mariana** (1536-1624): religioso, ensaísta e historiador espanhol. Professor de teologia em Roma, Palermo e Paris, ficou célebre por defender a tese do tiranicídio, em seu livro *De rege et regis institutione* (Sobre o rei e a instituição real), publicado em 1598. De acordo com Mariana, qualquer cidadão podia justificadamente matar um rei que criasse impostos sem o consentimento das pessoas, que confiscasse a propriedade dos indivíduos e a desperdiçasse, ou impedisse a reunião de um parlamento democrático. (Nota da IHU On-Line)

12 **Juan de Palafox e Mendoza** (1600-1659): bispo católico espanhol, foi beatificado por Bento XVI em junho de 2011. Foi nomeado fiscal do Conselho de Guerra da corte espanhola e, mais tarde, do Conselho de Índias. Em 1630 foi renomado Bispo de Puebla de Los Angeles (México) e Vice-rei de Nova Espanha. Depois de um árduo trabalho apostólico no México, retornou à Espanha, onde faleceu (Nota da IHU On-Line).

13 **Motim de Esquilache**: ocorreu em março de 1766, no reinado espanhol de Carlos III. Basicamente, foi a consequência do crescente descontentamento em Madri por causa do aumento dos preços do pão e de outros produtos básicos. O detonador foram as medidas relativas a certas peças do vestuário promulgadas por Leopoldo de Gregório, o Marquês de Esquilache, um napolitano favorecido por Carlos III (Nota da IHU On-Line).

14 **Bernardo Tanucci** (1698-1783): estadista italiano, homem de confiança do rei de Nápoles Carlos de Bourbon e do seu filho Ferdinando IV. Ocupou os cargos de secretário de Estado da Justiça e de Ministro dos Assuntos Exteriores e da Casa Real (Nota da IHU On-Line).

A Igreja espanhola se alinhou, por interesses, com o rei, e a Igreja de Roma foi na prática “comprada” e duramente pressionada até a supressão. Como todos esses elementos se combinam? É difícil resumir aqui. Para saber em detalhes, convido à leitura do romance.

IHU On-Line - Quais foram os impactos da decisão de Carlos III sobre o papado de Clemente XIV e sobre a Igreja em geral? O que estava em jogo, do lado da Igreja, nessa decisão?

Pedro Miguel Lamet - O papado foi muito frágil em sua atuação em favor dos jesuítas. Embora Clemente XIII¹⁵ os tenha defendido por meio de documentos, na hora da verdade não os aceitou quando, em barcos fretados por Carlos III, enviou-lhes desterrados para sempre aos Estados Pontifícios, em 1768. É preciso levar em conta que, entre espanhóis, americanos e filipinos, eram nada menos do que 5 mil homens. Disse-se que o papa não os quis aceitar, porque esperava que Carlos III se arrependesse. Mas o resultado foi um terrível ano de penúrias na ilha de Córsega, que vivia então a guerra entre corsos, genoveses e franceses.

O caso do seu sucessor, Clemente XIV, foi ainda mais cruel, já que foi eleito com o compromisso verbal de extinguir os jesuítas. Esse frei franciscano, que chegou ao sólio pontifício por uma espécie de compromisso político, era frágil, pouco claro em suas ideias e fascinado pela possibilidade de chegar a ser papa. Mas, quando recebeu a tiara, ele postergou o assunto, torturado pelo medo e pela responsabilidade de decretar a supressão de uma ordem tão numerosa e influente. As intrigas das cortes bourbônicas e sua influência no conclave, seu mal-estar pelo Monitório de Parma e pelo tráfico de influência em Roma, desembocaram na supressão de 1773.

Mas, acima de tudo, foi decisivo o papel de Moñino¹⁶, recompensado de-

15 **Clemente XIII** (1693-1769): nascido Carlo della Torre Rezzonico, foi papa de 6 de julho de 1758 até a sua morte, amargurado pela insistência dos soberanos da família Bourbon, inimigos dos jesuítas (Nota da IHU On-Line).

16 **José Moñino y Redondo** (1728-1808): foi o conhecido conde de Floridablanca, além de um distinto ministro de Carlos III da Espanha

pois com o título de Conde de Floridablanca, que comprou, com prebendas e grandes somas, o confessor e outros prelados e amigos do pontífice. Seu assédio psicológico sobre o papa, tal como aparece em sua abundante correspondência com Madri, acabou destruindo o ânimo e a saúde de Clemente XIV, que acabou assinando o breve (não bula) *Dominus ac redemptor*, o qual suprimia em toda a Igreja a Companhia de Jesus. A tese de que ele morreu envenenado pelos jesuítas é tão falsa que até os inimigos destes defendem que, na realidade, ele sucumbiu a um envenenamento mental por medo e angústia.

Nem toda a Igreja aceitou igualmente essa decisão. Por exemplo, o arcebispo de Paris contestou furiosamente. As consequências, por exemplo, para o ensino e a cultura foram fatais. E, na Ibero-América, as manifestações de dor por parte do povo foram muito frequentes.

Os historiadores continuam divididos perante a conduta de Clemente XIV. Os partidários do papa defendem que ele não tinha outra saída perante as pressões das cortes bourbônicas para evitar um cisma e que ele atrasou o extermínio o quanto pôde. Os defensores dos jesuítas alegam a grande debilidade do pontífice, seu obscuro compromisso durante o conclave, os funestos colaboradores dos quais se rodeou, a facilidade com que se converteu em marionete angustiada dos ministros em Roma, principalmente do implacável conde de Floridablanca, de certo modo seu verdugo; além de seu desinteresse pelas vítimas, quando outras potências continuavam sendo favoráveis aos jesuítas, e estes chegavam a sucumbir nas mãos do papa, o mesmo que eles defendiam perante os regalistas¹⁷.

Na realidade, não deixava de ser um primeiro ato da tragédia que a revolução francesa¹⁸ significou para a e um excelente estrategista do século XVIII (Nota da IHU On-Line).

17 **Regalista**: Pessoa que desfruta de regalias. (Nota da IHU On-Line).

18 **Revolução Francesa**: nome dado ao conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a Queda da Bastilha e se encerra com o golpe de Estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte.

Igreja, com a supressão de todas as ordens e que culminaria na detenção e na deportação do próprio papa.

IHU On-Line - Como a expulsão dos jesuítas, o antijesuitismo e o anticlericalismo de Portugal, em 1759, na pessoa do Marquês de Pombal¹⁹, influenciaram na decisão espanhola?

Pedro Miguel Lamet - Portugal foi o primeiro país europeu a expulsar os jesuítas. O ambicioso Pombal, em minha opinião, é a mais cruel dos déspotas da época. Seus interesses eram sobretudo econômicos, de centralização do poder. Depois de reconstruir Lisboa habilmente após o terremoto, esse aspirante à nobreza quis controlar as explorações lusitanas na América, depois da partilha das reduções. Aproveitou a tentativa de atentado, quando regressava de se encontrar com sua amante, contra José I, outro monarca medroso que vivia em uma luxuosa tenda de campanha em Ajuda, temendo uma repetição do terremoto, e ao qual atribuiu aos jesuítas.

Ele executou o padre Malagrida²⁰ e manteve encarcerados em lôbregas masmorras muitos jesuítas, principalmente missionários alemães trazidos da América. Foi tão duro, servindo-se de seus parentes, um no Brasil e outro como embaixador em Roma - o

te. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Régime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e pela Independência Americana (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “liberdade, igualdade e fraternidade” (*Liberté, Egalité, Fraternité*), frase de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782): primeiro Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, foi um nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Gabriel Malagrida (1689-1761): foi um jesuíta italiano, missionário no Brasil e depois pregador em Lisboa. Após ser condenado por heresia no âmbito do Processo dos Távoras, foi enforcado e queimado na fogueira em um auto de fé realizado em Lisboa. Sobre Malagrida leia as entrevistas com Renato Barbieri “Malagrida, um humanista radical” (<http://migre.me/11Fsv>) e “Malagrida e o cinema brasileiro” (<http://migre.me/11FrD>) (Nota da IHU On-Line).

“jumento português”, chamava-lhe o agente espanhol Azara -, que o Vaticano rompeu relações com Portugal. Era mais drástico do que o rei espanhol. A Espanha estreitou relações com Pombal quando da expulsão, mas se atrasou em dez anos com relação à expulsão portuguesa, entre outras razões porque a rainha mãe de Carlos III, Dona Isabel Farnésio²¹, era muito amiga dos jesuítas. Os padres portugueses sofreram maiores necessidades do que os espanhóis, já que estes - seguramente porque o monarca espanhol queria salvar sua “pia consciência” - foram expulsos com um modesto soldo vitalício como súditos espanhóis, que se converteu também em uma forma de controle dos expulsos por parte dos comissários do rei.

Outro caso também diferente é o da França, onde a figura poderosa é o ministro Choiseul. Ali, propriamente, foi supressão mais do que expulsão, embora, no final, muitos tenham cruzado a fronteira para se refugiar na Espanha. Na França, mistura-se com o fenômeno jansenista²² e com a funesta atuação econômica de um equivocado administrador jesuíta na Martinica. Em cada país, a tragédia tem acentos diferentes, mas a mais cruel foi, sem dúvida, a provocada por Pombal.

IHU On-Line - Ao serem expulsos de Portugal, por exemplo, os jesuítas foram tratados como bandidos. Como os jesuítas, especialmente o então superior geral, Pe. Lorenzo Ricci²³,

²¹ Isabel Farnésio (1692-1766): nascida na Itália como Elisabetta Farnese, também conhecida como Isabella Farnese, foi a rainha consorte de Filipe V da Espanha (Nota da IHU On-Line).

²² Jansenismo: movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a certas doutrinas e práticas no seio da Igreja Católica. Tem esse nome por ter sua origem nas ideias do bispo de Ypres, Cornelius Jansen. (Nota da IHU On-Line).

²³ Lorenzo Ricci (1703-1775): jesuíta italiano, eleito o 18º superior geral da Companhia de Jesus. Era o superior geral no momento da supressão dos jesuítas em 1773. Depois que as comunidades jesuítas foram desmontadas, com suas bibliotecas e propriedades confiscadas, Ricci foi preso na masmorra do Castel Sant’Angelo, em Roma, onde passou por diversas humilhações e maus tratos, não podendo nem mesmo celebrar a missa. Seus restos mortais encontram-se na Chiesa del Gesù, em

foram tratados por parte da Igreja e do Estado após a supressão?

Pedro Miguel Lamet - A detenção nos colégios e residências espanholas no dia 2 de abril de 1778, mediante um cerco simultâneo em toda a Espanha e à ponta de baioneta, foi vergonhosa. Mantida em segredo absoluto e efetuada pelas Forças Armadas, seguramente por medo de uma rebelião dos “poderosos jesuítas”, ela não encontrou a menor resistência, nem o menor episódio de violência. Humildemente e de carroça, com seu breviário e pouco mais, foram transferidos para os portos onde havia sido preparada toda uma complicada logística de barcos de guerra e de outras embarcações que foi preciso alugar de países como Holanda e Inglaterra.

A viagem, nos barcos a vela da época - apesar de terem sido previstos a intendência, os salários dos oficiais e a adaptação dos buques - foi muito penosa. Amontoados em depósitos, comidos por insetos, mareados porque a maioria nunca havia navegado e com pouca comida, tempestades e a terrível prolongação da viagem por causa da rejeição do papa, ela foi recolhida pelos diaristas jesuítas, sobretudo pelo Pe. Manuel Luengo²⁴, que chegou a escrever um diário de 33 tomos, obra monumental que se conserva praticamente completa, e agora a professora [Imaculada] Fernández Arrillaga está publicando. Literalmente jogados nas praias da Córsega, conseguiram dar um jeito para sobreviver e inclusive reconstruir a vida comunitária e até mesmo seus escolasticados no desterro.

Os que mais sofreram foram os noviços, pressionados até o último momento, sob ameaça de pecado mortal, a abandonar a Companhia, sem pensão e à mercê da ajuda dos padres. É exemplar que, em tais circunstâncias, só 20% dos jesuítas expulsos abandonaram a Companhia. Alguns, em meio a essas tragédias, conseguiram alcançar a santidade, como José Pignatelli. Muitos outros, mesmo depois de extinta a ordem, contribuíram com seus

Roma (Nota da IHU On-Line).

²⁴ Manuel Nicolás Luengo Rodríguez (1735-1816): jesuíta espanhol desterrado da Espanha em 1767, que escreveu o *Diario de la expulsión de los jesuitas de España*, que abrange 49 anos em 62 volumes com cerca de 30 mil páginas manuscritas (Nota da IHU On-Line).

estudos, livros e investigações para o florescimento da cultura na Itália e em outras partes do mundo, como o Pe. Miguel Batllori²⁵ estudou sabiamente.

Em minha opinião, o geral padre Ricci foi superado pelos acontecimentos. Culto, tímido, de família aristocrata, era uma boa pessoa, mas se deixou levar, não foi valente. Ajudou como pôde os portugueses, muito pouco aos espanhóis, e acabou sendo injustamente encarcerado no Castel Sant'Angelo, em Roma, onde morreu de frio e de solidão, sem ser realmente acusado nem julgado. Só foi questionado sobre o único tema que interessava a todos: onde estava o famoso "ouro dos jesuítas", que nunca foi encontrado, apesar de terem sido escavados porões, pomares e jardins. Isto sim, as obras de arte de suas igrejas e os livros de suas esplêndidas bibliotecas foram mal vendidos e dilapidados. Na Espanha, seus colégios acabaram sendo, em sua maioria, seminários, e suas igrejas se converteram em paróquias.

IHU On-Line - Que sintonia há entre as questões históricas da época - como o iluminismo, o Tratado de Madri ou as reduções jesuítas na América - e a decisão do rei Carlos III?

Pedro Miguel Lamet - Como se sabe, 15 anos antes dos episódios que meu romance relata, o Tratado de Madri foi um documento assinado por Fernando VI²⁶ da Espanha e por João V²⁷ de Portugal em 13 de janeiro de 1750, para definir os limites entre suas respectivas colônias na América do Sul. Esse tratado faz parte da sucessão de tratados de limites firmados entre Espanha e Portugal desde o século XV, quando foi assinado o de Alcáçovas. Um tratado baseado no princípio de direito romano *Ut possidetis, ita possideatis* (quem possui de fato deve possuir de direito), ampliou os domínios de Portugal, deixando os limites do Brasil

praticamente em seu estado atual.

Como consequência da demarcação das novas fronteiras, a região das Missões Orientais havia de passar para as mãos portuguesas. Essa resolução, no entanto, tinha maior importância do que podia parecer, já que, nos territórios de Portugal, se permitia a escravização dos indígenas (naquela região eram guaranis), enquanto que, nos territórios espanhóis, todos os índios eram automaticamente súditos de Sua Majestade e, portanto, gozavam de sua proteção, razão pela qual não podiam ser escravizados. Essa diferença de status legal da população indígena provocou a resistência a se entregar aos portugueses, resistência que acabou estourando a Guerra Guaranítica, que o famoso filme *A Missão*²⁸ evoca.

Portanto, as reduções, que haviam sido modelos de sociedades autogestionadas, uma espécie de "socialismo cristão", embora não carente de um certo paternalismo, tiveram muita importância nas decisões de Pombal e de Carlos III, pois havia interesses econômicos no meio e o fantasma de que os jesuítas estavam por trás da Guerra Guaranítica.

Sobre o Despotismo Iluminado que eu mencionei, a importância do regalismo e do galicismo: trata-se de uma contradição em termos, já que um despotismo nunca pode ser iluminado, e um autêntico iluminismo não pode ser despota. Seus defensores, no entanto, argumentam que, assim, o Estado se libertou da tutela da Igreja, que está na origem da Revolução Francesa. Mas, na realidade, esta última se rebelou, depois, precisamente contra os déspotas.

É preciso acrescentar a importância dos enciclopedistas no chamado Século das Luzes. Mas não deixa de ser uma contradição que os "iluminados" destruíram a instituição eclesiástica mais iluminista da época. Em seus colégios, com o método da *Ratio Studiorum*²⁹, haviam edu-

cado as elites do continente e das novas terras além-mar. Mantinham observatórios astronômicos. Tinham inclusive chegado às massas, graças às missões populares e estrangeiras. Havia se vestido de mandarins³⁰ para entrar nas cortes do Oriente, dando lugar à famosa disputa dos ritos chineses. Na Alemanha, o clero secular lhes havia acusado de monopolizar as cátedras universitárias, enquanto que, em Roma, os cardeais lhes imputavam publicamente o fato de se toparem com eles em quase todos os escritórios da Cúria. Depois da expulsão, Carlos III teve que trazer matemáticos da Itália, porque os únicos matemáticos que havia na Espanha eram jesuítas.

IHU On-Line - Em uma autocrítica histórica, os jesuítas foram totalmente isentos nesse processo ou também cometeram erros? Quais?

Pedro Miguel Lamet - Um personagem do meu romance, o Pe. Doreste, afirma que, na realidade, a Companhia de Jesus morreu de êxito. Ele diz assim quando se encontra com Mateo em Veneza: "A Companhia é culpada de ter êxito. Não há nada que seja mais perigoso do que o êxito. Para os outros e para si mesmo. Para os outros, porque o êxito humilha, produz inveja e competição. Para si mesmo, porque o êxito vai ligado ao poder e ao orgulho. A Companhia foi extinta na crista da onda. Quando as demais ordens religiosas e o clero estavam decrescendo em quantidade e em qualidade, a fundação de Santo Inácio vivia todo o contrário. Isso fomenta muito a autoestima, o espírito de corpo, a segurança. Creio que Voltaire disse que o que acabou conosco foi o orgulho. Talvez o momento de inflexão mais perigoso foi a entrada no confessional real. A máxima de Santo Inácio de que 'quanto mais universal,

A Ratio surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expansão missionária. Constituiu-se numa sistematização da pedagogia jesuítica contendo 467 regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino e recomendava que o professor nunca se afastasse em matéria filosófica de Aristóteles, e teológica de Santo Tomás de Aquino. (Nota da IHU On-Line)

30 Aqui o entrevistado se refere a Matteo Ricci. Sobre ele, confira a revista IHU On-Line número 347, de 18-10-2010, intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, disponível em <http://bit.ly/9oOler> (Nota da IHU On-Line)

25 Miquel Batllori i Munné (1909-2003): sacerdote e historiador espanhol, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (Nota da IHU On-Line).

26 Fernando VI (1713-1759): rei da Espanha (1746-1759). Segundo filho de Filipe V de Espanha e de sua primeira esposa Maria Luísa de Saboia (Nota da IHU On-Line).

27 João Francisco António José Bento Bernardo de Bragança (1689-1750): rei de Portugal de 1º de janeiro de 1707 até a sua morte. Era filho de D. Pedro II e de Maria Sofia de Neuchâtel (Nota da IHU On-Line).

28 Sobre o filme *A Missão*, de Roland Joffé, confira um artigo de autoria de Pedro Ignácio Schmitz, publicado na IHU On-Line número 196, com o título *A missão: peripécias das reduções jesuíticas*, disponível em <http://bit.ly/kEwLja> (Nota da IHU On-Line)

29 *Ratio Studiorum*: espécie de coletânea privada, fundamentada em experiências acontecidas no Colégio Romano e adicionada a observações pedagógicas de diversos outros colégios, que busca instruir rapidamente todo jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Sua forma definitiva foi promulgada em 8 de janeiro de 1599.

mais divino' ou a ordem de educar aos que tiverem maior influência na sociedade pôde se voltar contra nós".

Embora, depois, o mesmo personagem matize: "Mas nada, Mateo, justifica o que estamos sofrendo durante os últimos anos, desterrados, exilados e agora aniquilados de forma secreta, sem a mediação do menor julgamento civil e eclesiástico, com acusações inventadas em sua maioria, com calúnias manifestas, por vingança, para defender o papa contra os regalismos, por cobiça de um tesouro mítico inventado. Enfim, tu, melhor do que ninguém, sabes o que passamos amontoados nestes barcos, vivendo mal na Córsega, peregrinando a uns Estados Pontifícios que também não nos queriam. E, o que é pior, este ponto final, fruto de intrigas, subornos e o medo de um papa frágil e angustiado. A última palavra, Mateo, nessa história, é do medo, do medo de Carlos III, incitado pelos invejosos *manteistas*, e o medo de Clemente XIV escolhido expressamente para nos liquidar. Seu breve suprime a Companhia sem condená-la. Como diz Choiseul, o papa, querendo ou não, evitou um cisma. Essa é a verdade, querido Mateo, ou, se preferes, minha humilde opinião. Não sei se te servirá para alguma coisa".

IHU On-Line - Qual foi o papel da czarina Catarina³¹, da Rússia, na manutenção da Companhia? O que é preciso ressaltar da sua figura e de suas ações nesse período?

Pedro Miguel Lamet - Curiosamente, a Companhia sobreviveu de alguma maneira graças a um príncipe e a uma princesa não católicos: um era protestante na Prússia, por algum tempo, e a outra era uma ortodoxa, a czarina Catarina da Rússia, que não quis publicar o breve papal. Isso criou um problema de consciência aos jesuítas por desobedecer ao papa. Mas, no final, conseguiu-se, pelo menos, uma aceitação verbal da Santa Sé. Catarina precisava de bons profes-

³¹ Catarina II, a Grande (1729-1796): nascida Sofia Augusta Frederica von Anhalt-Zerbst, foi uma imperatriz déspota russa de 1762 a 1796. Era prima de Gustavo III da Suécia e de Carlos XIII da Suécia. Cultivou uma reputação de soberana esclarecida, correspondendo-se com Voltaire e convidando Diderot para a sua corte. Acolheu um grande número de jesuítas expulsos na supressão da Companhia de Jesus em vários países europeus (Nota da IHU On-Line).

**“Santo Inácio queria unir
virtude com letras. O
segredo de sua eficácia
foi, de um lado, os
Exercícios Espirituais,
que cria homens livres
e despertos, com
independência de
critério e ousadia
apostólica. De outro,
seu nível cultural e
compromisso com as
pessoas onde trabalha”**

sores e pensava que manter os jesuítas poderia lhe ajudar em suas intenções de expansão ao Oriente. Mas, na realidade, foi providencial, já que essa reserva foi a célula que se manteve viva às tradições e à espiritualidade inaciana para voltar a germinar em 1814 com a restauração.

No entanto, a obsessão e o ódio de Carlos III eram tão intensos que chegaram a reter em Cádiz a frota russa durante um tempo, pelo fato de que Catarina não havia aceitado a supressão.

IHU On-Line - Por outro lado, como foi esse período de “exílio” dos jesuítas na Rússia? Como era a vida da Companhia nesse país?

Pedro Miguel Lamet - Esse último broto, conservado com determinação por parte da ortodoxa Catarina II na Rússia Branca e seus dois sucessores, manteve a ordem viva em seus territórios sob a direção de cinco vigários gerais. O czar Paulo chegou a solicitar a aprovação formal da ordem a Pio VII, que, tendo-a anteriormente protegido em sua diocese, desejava restabelecê-la e criou uma comissão para isso. Já em 1792, o duque Fernando de Parma³², desiludido pelos horrores da

³² Fernando I de Bourbon-Parma (1751-1802): foi membro da dinastia ducal dos Bourbon-Parma e duque de Parma, na Itália, de 1765 a

Revolução Francesa, pediu jesuítas para a Rússia, e três lhe foram enviados. O papa, apesar das cautelas e das pressões que ainda pesavam sobre ele, não pôs dificuldades e, em 1799, permitiu a abertura do noviciado de Colorno, sendo nomeado como mestre de noviços um personagem bem conhecido dos leitores do meu romance, José Pignatelli.

IHU On-Line - Qual a sua análise das decisões e dos gestos de Pio VI e de Pio VII, que restauraram a Companhia, dando-lhe nova vida? E quais eram as características da Companhia que ressurgia da supressão?

Pedro Miguel Lamet - Embora o embaixador Floridablanca tenha se empenhado a fundo para voltar a conseguir que fosse eleito outro papa ao gosto bourbônico, no final, Pio VI não cumpriu suas expectativas. No entanto, apesar do fato de que esse pontífice sentia no fundo alguma simpatia pela ordem extinta e que nunca tenha aprovado o breve do seu antecessor, estava amarrado de pés e mãos para restabelecê-la, o que só o seu sucessor poderia fazer.

Em 1802, reunida a Quarta Congregação russa, foi eleito geral o padre Gabriel Gruber³³, vienense, professor de Arquitetura e Mecânica, que construía artefatos de ferro ou madeira assim como pintava quadros inspirados. Gruber mandou a Roma o seu assistente Cayetano Angioloni e nomeou como provincial da Itália o nosso José Pignatelli, que seria uma ponte de união entre a Companhia suprimida e restaurada, implantada já no reino das Duas Sicílias, a pedido do rei de Nápoles, seriamente arrependido de suas condescendências com Tanucci.

Embora isso já ultrapasse o período que o meu romance relata, deve ter sido todo um espetáculo comprovar, ao abrir-se a casa de Nápoles, que de mais de 100 ex-jesuítas que ali estavam, já idosos e cansados com tantas decepções, só três muito doentes deixaram de se reintegrar na Companhia. E uma outra história emocionante: os antigos expulsados levaram os seus livros queridos, que lhes serviram de refúgio intelectual no exílio, para engrossar a biblioteca da casa nova.

¹⁸⁰² (Nota da IHU On-Line).

³³ Gabriel Gruber (1740-1805): foi um jesuíta austriaco e segundo superior geral da Companhia de Jesus na Rússia (Nota da IHU On-Line).

O Pe. Luengo conta que o Pe. Pignatelli fez transportar 26 caixas de livros procedentes de sua biblioteca pessoal, muitos deles raros e de grande valor.

Esses padres e irmãos não ficaram muito tempo tranquilos, pois em poucos meses foram enxotados pelas tropas napoleônicas. Alguns se trasladaram para fundar a Sicília. Outros, com Pignatelli à frente, foram para Roma, onde trabalharam felizmente com todas as bênçãos de Pio VII. Em 1805, o padre Gruber faleceu, tendo sido sucedido, como quinto e último geral eleito na Rússia, o polonês Tadeu Brzozowski, que veria a total ressurreição da ordem inaciana.

Enquanto isso, o ambiente hostil contra os jesuítas havia mudado. Restabelecidos em Parma, Nápoles e Sardenha, e com o interesse da corte imperial de Viena por eles, só Carlos IV da Espanha continuou obstinado por algum tempo na política de seu pai e até mesmo empenhado em exterminá-los também dentro da Rússia. Não deixa de ser curioso que, mais tarde, despojado da coroa e desterrado na Itália, ele tenha agarrado a batina de Angiolini enquanto lhe dizia: “Se esta tivesse se preservado em Madri, eu não estaria em Roma”. Também desterrado em Fontainebleau, Pio VII confiava a seus íntimos seus desejos de dar logo o passo definitivo, o que faria em 1814, vencido Napoleão e de regresso a Roma, surpreendendo até seus colaboradores, entre eles o cardeal Pacca, a quem assegurou: “Podemos celebrar a restauração da Companhia de Jesus na próxima festa de Santo Inácio”.

Naquele tempo, Pignatelli havia morrido em odor de santidade (beatificado por Pio XI em 21 de maio de 1933 e canonizado por Pio XII em 12 de maio de 1954), e não deixavam que o superior geral Brzozowski saísse da Rússia. Elegeram, portanto, para receber o histórico documento um idoso de 80 anos, Luis Panizzoni, como símbolo daquele broto que se conservou na Rússia, pois ali esse italiano havia entrado como noviço. O padre Luengo recordaria com grande alegria, em seu monumental diário, esse tão insigne acontecimento, que encerrava um tremendo ciclo.

Às oito horas da manhã do dia 7 de agosto de 1814, às portas da Igreja del

Gesù, uma centena de jesuítas idosos
 meio enfermos, junto com cardeais e
 outras personalidades, esperavam a che-
 gada do papa, que, entre aclamações do
 povo romano, passou para o Quirinal. No
 altar de Santo Inácio, Pio VII celebrou a
 missa, onde foi lida a bula *Sollicitudo
 omnium Ecclesiarum*, que revogava o
 breve de Clemente XIV, e, respondendo
 a um apelo unânime, chamava de novo
 os “especialistas e vigorosos remado-
 res que o Senhor lhe apresentava para
 vencer as ondas ameaçadoras”, 41 anos
 depois.

IHU On-Line - Em nível mundial, ainda há traços de antijesuitismo, dentro da Igreja ou em determinados governos (por exemplo, na própria Espanha, com o socialismo)? Qual o papel da Companhia perante esse desafio?

Pedro Miguel Lamet - Como se sabe, a Companhia sofreu outras expulsões e rejeições. Basta recordar, por exemplo, a da Segunda República espanhola, que, sob a desculpa de expulsar as “ordens com um voto de obediência a um poder estrangeiro”, desterrou de novo os jesuítas antes da Guerra Civil. Entre eles, estavam jesuítas famosos, como os padres Arrupe³⁴, Llanos³⁵ ou Díez-Alegría³⁶.

34 Pedro Arrupe (1907-1990): sacerdote católico espanhol, superior geral da Companhia de Jesus. Depois de estudar quatro anos medicina, a contragosto de muitos professores e colegas entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Loyola. Sempre teve grande desejo de ir para o Japão. Este desejo tornou-se realidade após dez anos de formação jesuítica, em que se destacam os tempos em que viveu nos Estados Unidos e nos quais que se dedicou à visita aos reclusos mais temidos, com os quais estabeleceu grande proximidade e afeto. No Japão logo se aproximou das pessoas e chegaram a pensar que Arrupe seria um espião americano. Por isso foi preso e depois liberado. Saindo de Yamagushi, foi para o noviciado do Japão, em Hiroshima, como mestre de noviços. Ai se destacou pelo seu serviço incondicional quando da queda das bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial. Criou um hospital improvisado nas instalações semidestruídas do noviciado e foi com os noviços à cidade resgatar os sobreviventes, entre outros atos heroicos. Em seguida foi eleito provincial do Japão e em 1963 Superior Geral da Companhia de Jesus, posto que ocupou até 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

35 José María de Llanos Pastor (1906-1992): foi um sacerdote jesuíta espanhol e militante comunista. Inclinando-se a posições de esquerda, foi militar nas Comissões Operárias e membro do Partido Comunista da Espanha, sempre defendendo uma Igreja popular e próxima ao povo (Nota da IHU On-Line).

A história da Companhia está cheia de conflitos. Por quê? Ultimamente, não se pode atribuir a seu poder político precisamente. Santo Inácio queria unir virtude com letras. O segredo de sua eficácia foi, de um lado, os Exercícios Espirituais, que cria homens livres e despertos, com independência de critério e ousadia apostólica. De outro, seu nível cultural e compromisso com as pessoas onde trabalha. A partir do penúltimo general, Pedro Arrupe, isso se traduziu na promoção da fé e da justiça, o que custou o martírio a Ellacuría³⁷ e seus companheiros de El Salvador, aos quais seguiram uma centena de jesuítas em diversos países. Essa é a melhor prova de que ela está viva e que hoje seus prediletos são os últi-

logo jesuíta espanhol. Muito crítico da hierarquia oficial da Igreja, Diez-Alegria trabalhou ativamente com o Pe. Llanos no Pozo del Tío Raimundo, uma dos bairros mais pobres de Madrid. Teólogo, doutor em Direito e em Filosofia, alguns dos seus livros, abertamente críticos da hierarquia oficial da Igreja, que censurava por sua aproximação com o capitalismo e seu afastamento dos pobres, provocaram a sua saída da Companhia de Jesus, que abandonou em 1975. Sobre Diez-Alegria, confira o seguinte material publicado nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos: *O ‘testamento’ de José María Diez-Alegria*, disponível em <http://migre.me/11DgC>; *José María Diez-Alegria: liberdade de consciência e senso de humor*, disponível em <http://migre.me/11Dh3>; *José María Diez-Alegria, um teólogo e homem singular*, disponível em <http://migre.me/11DhZ>; *Morre José María Diez-Alegria, teólogo e “jesuíta sem documentos”*, disponível em <http://migre.me/11Dj3>; *Morre o teólogo José María Diez-Alegria aos 98 anos*, disponível em <http://migre.me/11Dk6>; *“Jesus é Teologia da Libertação”*, afirma José María Diez-Alegria, disponível em <http://migre.me/11DL4>. (Nota da IHU On-Line)

37 Ignacio Ellacuría (1930-1989): filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente de mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidad Centroamericana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso sítio publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11D07>. No sítio do IHU visite a Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11D0t>. (Nota da IHU On-Line)

**“O que urge é uma
inculturação no mundo
dos jovens que se
movem nas redes sociais
e são vítimas das
solicitações nem sempre
boas da aldeia global”**

mos em meio aos abismos criados pela globalização e por uma perversa ordem internacional.

Essa forma de proceder também significou alguns atritos com a hierarquia. O próprio Arrupe foi um mártir incruento de sua tenacidade pela inculturação e por responder com novos moldes aos desafios do nosso tempo, que é, sobretudo, a defesa dos pobres contra os desaforos de um mundo injusto. Mas, no final, a santidade da Arrupe, de quem tive a honra de escrever uma biografia extensa e reeditada, está fora de toda a dúvida, embora não tenha sido oficialmente reconhecida pela Igreja.

Na Espanha, a situação é diferente. Eu não acho que haja agora um conflito específico com a Companhia, mas sim com toda a Igreja. Ganhou novas cores, de certo modo, um velho enfrentamento entre clericalismo e anticlericalismo, que procede, de um lado, de um involucionismo eclesial, que se defende um pouco assustado perante o fenômeno da secularização nos castelos de inverno, e de um revanchismo de uma certa esquerda contra a repressão religiosa dos 40 anos do franquismo. Mas isso já ultrapassa por completo a questão jesuíta.

Hoje, o que faltam lamentavelmente são vocações sacerdotais e religiosas, e o que urge é uma inculturação no mundo dos jovens que se movem nas redes sociais e são vítimas das solicitações nem sempre boas da aldeia global. No entanto, a Companhia, com menos meios humanos, mas com a mesma ou, se cabe, com uma maior valentia apostólica, continua trabalhando dentro da Igreja nas fronteiras da fé. E todas as fronteiras, já se sabe, sempre são e serão perigosas.

EAD - Jesus e o reino no Evangelho de Marcos - 2011



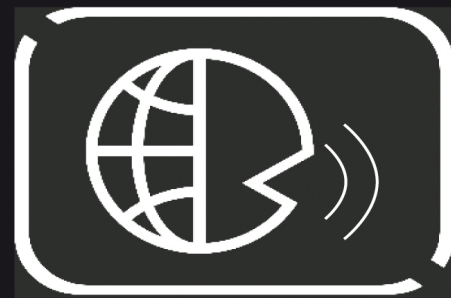
O INÍCIO DO EVANGELHO DE MARCOS (Mc 1,1-15)

Contexto histórico e literário do Evangelho de Marcos

**De 29 de agosto a 04 setembro - Jesus, o
Messias, e as expectativas messiânicas
(Mc 1, 1-15)**

Horário: Ensino a distância (EAD) - Livre

Informações em www.ihu.unisinos.br



O poder analítico da Economia Política da Comunicação

POR ANDRÉS KALIKOSKE*

Enquanto a Economia Política clássica busca clarificar a macroestrutura social, a Economia Política da Comunicação - EPC nutre-se desta ciência para analisar fenômenos específicos gerados no ambiente comunicacional, especialmente no âmbito das relações de poder desenvolvidas nos processos de produção, distribuição e consumo de recursos. A aproximação da Economia Política com a Comunicação ocorre nos anos 1960, quando teóricos consanguíneos das Ciências Sociais e Humanas identificam a necessidade de esclarecer, a partir de uma ciência não reducionista e não enaltecadora do determinismo tecnológico, questões originadas com o surgimento das indústrias da cultura e da mídia. Portanto, a EPC é o recorte epistêmico de um campo-matriz, dotado de tradição e respaldo científico, cujo conhecimento foi apropriado, direcionado e ampliado, no sentido de elucidar uma nova dimensão comunicacional e fundar um paradigma.

O emblemático livro *The political economy of communication: rethinking and renewal*, de Vincent Mosco, enfatiza que dois fatores teriam sido decisivos para o desenvolvimento da EPC. Em primeiro lugar, a grande transformação provocada pela estagnação da década de 1970, culminante para a crise inter-

nacional do capitalismo, e que gerou um ambiente complexo de produção em declínio, aumento de custos, salários em decréscimo e aumento das desigualdades. O segundo são as transformações estruturais deste período, como a fortificação das empresas, através da especialização e transnacionalização, o enfraquecimento dos governos como reguladores e a expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs. Suzy dos Santos, no estudo *Get back to where you once belonged: alvorada, ocaso e renascimento da economia política da comunicação*, complementa que, ao longo dos anos, a disciplina se dividiu entre estudos variáveis de acordo com momentos históricos ou questões regionais. Alguns exemplos foram investigações latino-americanas relacionadas ao imperialismo cultural no então chamado Terceiro Mundo; ou pesquisas acerca da mercantilização das relações sociais nos Estados Unidos; ou ainda, o debate britânico sobre as formas de organização alternativa da esfera pública.

Em atualização epistemológica constante, a renovação da EPC ocorre simultaneamente aos fenômenos que se propõe a investigar, seja através da internacionalização das mídias, de suas privatizações, seja através surgimento de novas tecnologias para a conquista da

* Professor na especialização Televisão e Convergência Digital da Unisinos, membro do Grupo Cepos, doutorando e mestre em Ciências da Comunicação e coordenador do Núcleo de Análise da Teledramaturgia - NAT. E-mail: <kalikoske@hotmail.com>.

atenção (audiência). Portanto, seus teóricos se encontram em pleno afinamento com os problemas fundamentais da sociedade contemporânea. A disciplina é classificada pelo campo da Comunicação como um conhecimento interdisciplinar. Cabe ressaltar que, conforme José Luiz Braga identificou em sua pesquisa *Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação*, o conceito de interdisciplinaridade pode ser compreendido a partir de duas macroapropriações. A primeira corresponde ao cruzamento de disciplinas ou tecnologias diversas, originárias de outros campos, onde um conhecimento nunca é isolado ou estanque, uma vez que as ciências contemporâneas se inter-relacionam. A segunda diz respeito ao desenvolvimento de um conhecimento locado na interface entre duas ou mais disciplinas estabelecidas, de modo a preencher uma lacuna epistemológica existente. A EPC localiza-se na primeira concepção, integrando-se aos chamados estudos interdisciplinares, cujo desenvolvimento teórico-metodológico enraiza-se na ciência moderna do século XX.

É perceptível a necessidade do poder analítico da EPC para a compreensão dos fenômenos midiáticos da contemporaneidade. Dan Schiller sintetiza no livro *A globalização e as novas tecnologias* que o objetivo principal dos arquitetos do capitalismo digital era criar uma rede econômica capaz de apoiar o leque de projetos no interior das empresas e no relacionamento entre elas. Esta afirmação não apenas se

“A internet, por exemplo, que em seu início chegou a ser proclamada como instrumento de democratização (...), rapidamente tem sua lógica apropriada pelas grandes organizações mundiais, submetendo-se - não surpreendentemente - à lógica do capitalismo”

concretiza como ganha outra dimensão, a partir da introdução das novas tecnologias ao consumidor doméstico, começando pelo microcomputador e seguida por transmissores de sinais de áudio, vídeo e dados, requerendo a total alteração da regulamentação e das estruturas de telecomunicações em diversos países. A internet, por exemplo, que em seu início chegou a ser proclamada como instrumento de democratização, devido ao seu alto

grau de possibilidade para o discurso não hegemônico, rapidamente tem sua lógica apropriada pelas grandes organizações mundiais, submetendo-se - não surpreendentemente - à lógica do capitalismo.

Para além de seu potencial intelectual, o método empregado nas pesquisas de EPC é o materialista histórico-dialético, amplamente desenvolvido e aprofundado por Karl Marx e seus estudiosos. Enquanto ciência das leis que regem as macroestruturas sociais, o materialismo histórico-dialético é capaz de clarificar cientificamente os problemas gerais e cardinais do chamado mundo da vida, desde seu conjunto quanto de qualquer um de seus aspectos separadamente. Em outras palavras, considera a sociedade enraizada num todo, não se tratando da análise acidental ou isolada de objetos ou fenômenos, mas sim destas relações interligadas organicamente, dependendo umas das outras e condicionando-se reciprocamente. Alain Herscovici e César Bolaño destacam em *Economía Política da Comunicación y la cultura* que o materialismo histórico-dialético é, antes de tudo, um estado de movimento e mudança perpétuos, em que renovação e desenvolvimento são incessantes, com nascimento e desenvolvimento contínuos. Por este motivo a disciplina tem rompido, desde seu surgimento, com posicionamentos que desconsideram o papel central do capitalismo e suas dinâmicas.



ESPECIALIZAÇÃO EM TELEVISÃO E CONVERGÊNCIA DIGITAL
TURMAS EM PORTO ALEGRE

Inscrições pelo site www.unisinos.br/especializacao/televisao_digital/
ou pela central de relacionamento da Unisinos Fone : 3590-8131

**AULAS EM CONJUNTO
COM A GLOBO
UNIVERSIDADE**

REALIZAÇÃO:
 **UNISINOS**

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 14-6-2011 a 20-6-2011.

Licença paternidade e a construção social do ser homem e ser mulher

Entrevista especial com Maria Angélica Fernandes, socióloga, subsecretária de Articulação Institucional e Ações Temáticas da Secretaria de Políticas para as Mulheres

Confira nas Notícias do Dia de 14-6-2011

Acesse no link <http://bit.ly/ks8SXV>

Uma ampliação da licença paternidade, mas também um questionamento sobre o papel designado como único e exclusivo das mulheres em relação ao cuidado com os filhos é o tema desta entrevista.

“O momento político é da multidão”

Entrevista especial com Giuseppe Cocco, cientista político, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Confira nas Notícias do Dia de 15-6-2011

Acesse no link <http://bit.ly/l7MRdJ>

“Hoje estamos em um mundo globalizado, onde não há mais modelos alternativos” e este não é o fim da história, como apontavam alguns estudiosos no passado. “Na realidade, estamos constatando que a história passou a se definir a partir das contradições que atravessam por dentro esse processo de unificação mundial dos mercados que é governado pela modulação da fragmentação e da heterogeneidade”, disse o pesquisador.

Impasses e limites da política de biossegurança brasileira

Entrevista especial com Silvio Valle, médico veterinário, pesquisador titular em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz.

Confira nas Notícias do Dia de 16-6-2011

Acesse no link <http://bit.ly/kgjTHO>

Ainda que haja uma lei de biossegurança no país, os procedimentos ainda são bastante precários. O pesquisador faz um panorama histórico da biossegurança no Brasil, dizendo que aqui não existe uma política nesse sentido.

#15M na Espanha e a descrença nos partidos, sindicatos e ONGs

Entrevista especial com Raul Sánchez Cedillo, tradutor e filósofo, membro do comitê de redação da revista *Multitudes*

Confira nas Notícias do Dia de 17-6-2011

Acesse no link <http://bit.ly/iO0dMQ>

Em 15 de maio deste ano, milhares de pessoas se reuniram em Puerta Del Sol, em Madri, e desde lá tem se expandido por todo o país reivindicando uma mudança radical no sistema político e representativo. Os manifestantes também se opõem às privatizações, propondo um maior controle democrático do sistema financeiro.

Na terra da mineração, uma comunidade pobre ameaçada de despejo

Entrevista especial com José Geraldo de Melo

Confira nas Notícias do Dia de 18-6-2011

Acesse no link <http://bit.ly/khQP11>

Na tentativa de sensibilizar a Justiça e a prefeitura de Itabira, em Minas Gerais, o Pe. José Geraldo de Melo segue, desde o dia 10-06-2011, em jejum permanente. A Justiça decidiu que 300 pessoas de uma vila pobre, conhecida como Comunidade Drummond, devem ser despejadas até o dia 30-07-2011 para que a terra seja reintegrada aos “herdeiros” que, durante muitos anos, não se manifestaram sobre a posse.

Giorgio Agamben: Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana

Início: 15 de agosto de 2011
Término: 24 de outubro de 2011

Informações em www.ihu.unisinos.br



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

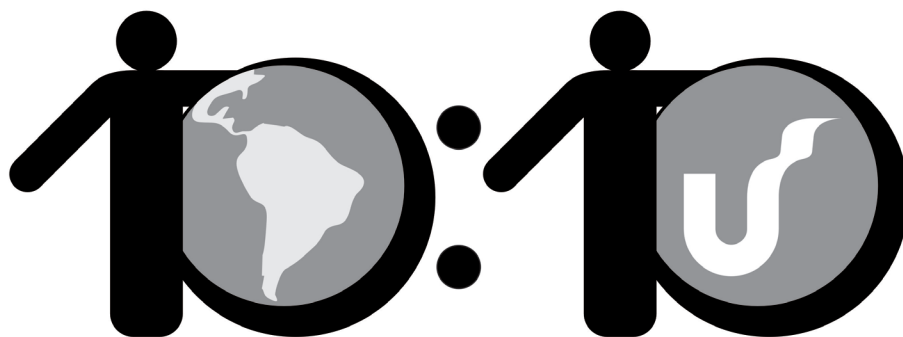
REDUZIR: uma atitude cada vez maior.

A **C**ampanha 10:10 Global surgiu em 2009 com a ideia de **reduzir** em 10% o **C**onsumo de carbono no mundo a partir de 2010.

Inspirada nessa ideia, a Unisinos implantou o projeto **10:10 Unisinos**, que iniciou no dia 10 de outubro de 2010 com o objetivo de reduzir em 10% a emissão de **carbon** na universidade.

CO₂

A **Agência Experimental de Comunicação** da Unisinos colaborou com essa campanha através da **criação do logotipo**.



Pra **viver**, tem que cuidar e fazer **acontecer**.

ABRACE ESSA CAUSA

Criada em julho de 2002, a Agexcom reúne em um único espaço professores, profissionais e estagiários dos cursos de Comunicação Social da Unisinos. A agência realiza trabalhos de criação e divulgação para diversos setores e cursos da universidade.

Além disso, é responsável pelo site de comunicação portal3.com.br, a revista Primeira Impressão e os jornais Enfoque e Babélia.

Perfil

Carlos Roberto Velho Cirne-Lima

POR MÁRCIA JUNGES

Uma vida na qual se entrelaçam Filosofia, competência no mundo dos negócios e a coragem de sustentar as ideias nas quais acredita. Assim é a trajetória de Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, professor emérito da Unisinos, que acaba de comemorar 80 anos. Na entrevista que concedeu à **IHU On-Line** em sua residência, em Porto Alegre, dois dias depois de uma festa que reuniu colegas, ex-alunos, familiares e amigos, o filósofo hoje reconhecido mundialmente pela originalidade de suas pesquisas em Hegel, recordou os anos em que foi sacerdote jesuíta, colega do atual Papa Bento XVI (então apenas o jovem Joseph Ratzinger), e aluno do teólogo Karl Rahner, um dos grandes expoentes do início dos trabalhos do Concílio Vaticano II. Em função de divergências com Rahner e Ratzinger a respeito do conceito de Deus, Cirne-Lima decidiu sair da Companhia de Jesus e continuar carreira acadêmica na Filosofia. Após uma arguição de livre-docência sob a mira de metralhadoras, o filósofo foi cassado e se viu na iminência de assumir sua segunda profissão: administrador de empresas. Entre idas e vindas em grandes corporações, apoiado pela companhia constante da esposa Maria Tomaselli, Cirne-Lima venceu os dez anos de silenciamento ao retornar, em 1978, para a UFRGS. O resto dessa história vibrante você confere na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em 1º de junho de 1931. Para contar minhas origens, é preciso retornar ao nome Cirne. Essa é uma família muito antiga, documentada nos séculos XII e XIII, vinda do Norte de Portugal, e que se radica em Pernambuco e na Bahia. Meu pai se chamava Ruy, era advogado e professor de direito. Meu avô era Elias Cirne-Lima, dentista e professor de odontologia. Era filho de Francisco de Souza Cirne-Lima, juiz de direito nascido em Pernambuco, mas trabalhou por todo Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul, onde se casou em terceiras núpcias, pois era viúvo. Com essa esposa, teve filhos aqui nascidos. Meu bisavô é Antônio de Souza Cirne, militar, alferes e depois general, casado com Isabel de Lima, de onde vem para as seguintes gerações o nome Cirne-Lima. Esse Antônio de Cirne provinha de uma família na qual os nomes Antônio e Francisco remontam a Portugal.

A palavra Cirne, originariamente, é o nome antigo da Ilha de Córsega no século VI antes de Cristo. A ilha se chamava, na época, Kyrne, e passou a ser chamada de Cyrne. Então, meus ante-

passados são mercadores gregos que fugiram da ilha grega de Córsega, no Mediterrâneo, rumo à Ibéria, e foram chamados como “aqueles que eram de Cyrne”. O nome sobrevive, mas pouca gente sabe sua origem.

Anticlericalismo e fervor religioso - Minha história mais recente começa com algo importante. Meu avô, Elias, meu bisavô Francisco e meu trisavô Antônio eram brasileiros, laicos, moderadamente anticlericais e maçons. Meu avô, maçom e anticlerical, tem dois filhos extremamente religiosos: meu pai e o tio Heitor, católicos fervorosos. Assim, há gerações de Cirne maçons e anticlericais, para a seguir nascer uma geração extremamente religiosa. Isso porque, quando os jesuítas, lá pelos idos de 1880, voltaram para São Leopoldo e criaram o colégio da Companhia de Jesus, trouxeram para o Rio Grande do Sul algo que não havia por aqui e que, lamentavelmente, as pessoas não falam e não sabem.

O catolicismo aqui admitia que o padre fosse casado, tivesse filhos, herança, dinheiro e ter terras. Isso era

normal. Com a entrada dos jesuítas em São Leopoldo, é fundado um colégio onde é cumprida a lei do Concílio de Trento¹. As resoluções do Concílio de Trento, que nunca eram levadas a sério no Brasil católico, passaram a ser a partir de então. O Brasil católico daquela época, antes dos jesuítas, ainda não era tridentino. Assim, se um padre estivesse casado, era ilegal. Os jesuítas firmaram posição de que a religião era algo a ser levado a sério. Essa foi a Contrarreforma levada a cabo pelos jesuítas na Europa, em resposta à **Reforma realizada por Martinho Lutero**².

¹ **Concílio de Trento**: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 3-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*.



Essa Contrarreforma entrou em São Leopoldo através dos jesuítas.

Essa reforma do cristianismo em São Leopoldo se dá quase ao mesmo tempo em que ocorreu no Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Essa instituição foi fundada por jesuítas com a mentalidade da Contrarreforma, e eles vêm para cá numa época em que nem o arcebispo levava as coisas a sério. Depois, os arcebispos passam a ser alunos dos jesuítas, e começam a encarar as coisas de outra forma. O cristianismo Contrarreforma realizado no Colégio Anchieta irá refletir em Ruy Cirne Lima e Heitor Cirne Lima, que ocuparam cargos importantes. Eram alunos do Anchieta e, depois, se tornaram professores de direito e de medicina.

Uma continuação do pai - Os jesuítas começaram a treinar seus alunos, como nos cursinhos de pré-vestibular de hoje, para passarem nos concursos da faculdade de direito, e anos mais tarde, em medicina. Depois, foram fundadas as fa-

O material está disponível para download em <http://bit.ly/duDz1j>. (Nota da IHU On-Line)

culdades de filosofia por um aluno dos jesuítas: Armando Câmara. Ele é considerado o pai da filosofia brasileira. Foi professor de direito e fundador da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e da faculdade de filosofia da UFRGS. Era um solteirão, neto do General Câmara. Morava no prédio que está tombado, ao lado da Assembleia Legislativa, que hoje é um museu. Conheci-o vivendo naquele local, pois era colega do meu pai.

Meu Tio Heitor fundou a faculdade católica de Medicina, depois federalizada. Nesse começo, sou a rigor uma continuação do meu pai. Sou supercatólico, e meu avô, que conheci e com quem convivi, era contra isso. Não entendia como eu poderia estudar para ser jesuíta em Salvador do Sul³, depois passar três anos em Pareci Novo⁴, três no Berchmannskolleg Pullach Bei München e outros quatro

em Innsbruck. Meu avô não compreendia como eu poderia querer ser padre jesuíta. Ficou furioso comigo. Ele era anticlerical, mas como gostava muito de mim, acabou entendendo. Meu pai compreendeu minha escolha, e nunca nos desentendemos por isso. Ele era completamente a favor do que eu queria fazer. Então, “entrei na onda” do meu pai e, com 14 ou 15 anos, passo um ano em Salvador do Sul, para aprender latim após o colégio. Os outros três anos vivi em Pareci Novo, um dos quais estudando humanidades.

Irmão ministro - O que há de mais importante da minha juventude é o fato de que sou uma continuação ideológica do meu pai. Como ele era um católico pós-tridentino que recebeu dos jesuítas a ortodoxia religiosa mui-

to forte e fundamentalista, continuei isso na minha juventude. Quando meus irmãos viram que saí da ideologia que seguia do nosso pai, deixando a ordem jesuíta, perceberam que também poderiam se “libertar”. Atualmente, um deles frequenta a missa com certa regularidade. Os outros são parecidos com meu avô, que ia à missa umas três vezes ao longo da vida. Ninguém é contra a igreja, todos são batizados, se casaram e, provavelmente, irão receber a extrema unção, mas nada muito além disso.

Meu irmão Luís Fernando, que foi ministro da Agricultura, é bem laico. Aliás, ele assumiu esse cargo em 1969 por causa do nosso pai. Em 1964, quando houve a revolução, eu estava em Viena, e meu pai apoiou a situação. Ele se tornou secretário da fazenda do governo estadual de Ildo Meneghetti⁵. Nesse período, Paulo Brossard⁶ era secretário da Justiça. Outros professores de direito assumiram cargos importantes no começo do regime militar. Eles tinham um compromisso por escrito e promulgado de que a revolução duraria um ano. Inclusive, pelo direito romano, uma ditadura poderia durar somente um ano. Esses advogados queriam que a revolução terminasse em abril de 1965. Meu pai deixou a secretaria antes de um ano, continuando como professor, e foi lançado para a sucessão do governo estadual do Rio Grande do Sul. A ideia era restabelecer a democracia no estado na segunda metade de 1965. Perachi Barcelos⁷, coronel da Brigada, era o outro candidato. Como sou cassado pelo regime militar em 1969, eles convidam meu irmão para ministro, a fim de pacificar a família.

Hoje, Luís Fernando é consultor, especialista em agricultura, atuando em grandes fazendas no Mato Grosso. Minha família é de profissionais liberais. Tenho dois irmãos falecidos, que

⁵ Ildo Meneghetti (1895-1980): engenheiro e político brasileiro. Foi prefeito de Porto Alegre por duas vezes e governador do estado do Rio Grande do Sul também por duas vezes. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Paulo Brossard de Souza Pinto (1924): advogado, jurista, professor e político brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Walter Peracchi Barcelos (1907-1986): militar e político brasileiro, governador do Rio Grande do Sul durante a ditadura militar. (Nota da IHU On-Line)

³ Salvador do Sul: município gaúcho onde se localizava o Colégio Santo Inácio, onde os jovens que pretendiam ser jesuítas faziam seus primeiros estudos. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Pareci Novo: município gaúcho onde se localizava o Noviciado e o Juniorado dos jesuítas. (Nota da IHU On-Line)

eram advogados, e uma irmã também falecida.

Estudos - Em 1939 comecei o Primário no Colégio Anchieta. Em 1945 terminei o Ginásio. Em 1946, estive em Salvador do Sul para estudar latim. De 1947 a 1949, estive no Pareci Novo fazendo noviciado e juniorado, além de estudar grego e latim. Então, de 1947 em diante, fui jesuíta e uma continuação do meu pai. Aquilo que os jesuítas tinham feito em 1880 meu pai continuou exacerbado e eu continuei mais exacerbado ainda.

Na continuação desse processo, como eu era bom aluno, em outubro de 1949 os jesuítas me enviaram para cursar Filosofia na Alemanha, numa época em que o país estava destruído pela guerra. Ainda havia fome por lá, e distribuíam aqueles selos de racionamento, porque não havia comida suficiente. Passei três anos no Pullach, com os melhores professores de filosofia que os jesuítas tinham no mundo: De Vries, Lotz, Brugger, autor do famoso dicionário de filosofia.

Aluno de Rahner, colega de Ratzinger - Formei-me filósofo e passei meio ano no Brasil. Dei aulas no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo, e voltei à Alemanha em 1949. Em 1950 e 1951 estudo Filosofia. Em 1952 início o curso de Teologia. Volto aí a Frankfurt. Lá, os jesuítas tinham começado um curso nessa área, mas não me dei bem com os professores novos. Por isso, fiquei apenas um ano. Em 1953, saí desse colégio de Frankfurt, instalando-me no Colégio de Innsbruck, onde passei três anos. Lá, fui aluno de Karl Rahner⁸, certamente o maior teólogo

⁸ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (*O Espírito no mundo*), 1939, *Hörer des Wortes* (*Ouvinte da Palavra*), 1941, *Schriften zur Theologie* (*Escritos de Teologia*). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n. 90, de 01-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, ana-

católico do século XX, e até hoje o é. Por três anos fui seu aluno em praticamente todos os semestres, três horas por semana, no mínimo, além de cursar um seminário de tarde inteira, semanal. Essa convivência com Rahner foi muito boa e amistosa.

Foi nessa época em que conheci Joseph Ratzinger⁹, como colega. Ratzinger entrou um ou dois anos antes de mim. Ele se formou e eu ainda continuei. Logo, passa a ser bispo em um lugar pequeno na Alemanha. De lá, ele volta todas as semanas para Innsbruck a fim de participar do seminário semanal com Rahner. Então, no início, participava como teólogo e depois como jovem bispo.

Discordâncias teológicas - Já naquele tempo, Rahner e eu começamos a discordar teologicamente um do outro. O motivo era o conceito de Deus. O conceito de Deus que os jesuítas tinham naquela época remontava à Idade Média, e era de um Deus transcendente. Então, o mundo estaria aqui, no plano físico, e fora dele havia Deus. Assim, Deus não estava dentro do mundo, e o mundo não era Deus. Rahner e outros começam a dizer teologicamente que esse Deus, além de transcendente,

lisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PU-CRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n. 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n. 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, disponível em <http://bit.ly/ml-SwUc>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Joseph Ratzinger: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Anteriormente, era o Cardeal Joseph Ratzinger. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais é *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). (Nota da IHU On-Line)

era imanente, e estava aqui, conosco. Essa concepção será muito importante porque todo o Concílio Vaticano II¹⁰ irá girar em torno disso, numa luta de mostrar que a igreja é o Deus imanente. Então, Deus é transcendente mas imanente também, portanto a igreja é o Deus imanente.

Só que aí as opiniões começaram a divergir. Comecei a me afastar das concepções de Rahner. Eu pensava que não era possível ser imanente e transcendente ao mesmo tempo. Rahner debatia comigo e eu insistia em minha opinião. No Concílio, Ratzinger tomou outra posição, acentuando ainda mais a imanência contra a transcendência.

Saída da Companhia de Jesus - A partir dessa discussão, saio da ordem porque não concordo com esse conceito de Deus. Em 1956 peço demissão aos jesuítas. E o motivo que me fez tomar essa atitude é que Rahner e os jesuítas tinham um conceito de Deus que era, ao mesmo tempo, transcendente e imanente, o que para mim era algo contraditório. E se era só transcendente, estava errado. A imanência é a totalidade, mas não é algo que é contrário à transcendência. Há uma diferença entre uma totalidade e o conteúdo de uma totalidade, mas trata-se de uma diferença muito pequena porque não pode haver uma

¹⁰ Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

totalidade sem conteúdo. Então, naquela época eu discordava dizendo que o mundo era uma totalidade, Deus era uma totalidade e esse Deus era o mundo. Sustentava que não era possível separar as coisas. Respondiam-me que eu estava perdendo o Deus transcendente, porque se dizia que Deus é a totalidade, tudo é Deus, então Deus desapareceu.

Essa foi a grande discussão que tive com Rahner e Ratzinger e que me fez sair da Ordem. Passei um semestre no Brasil avaliando minha decisão e saí oficialmente em agosto de 1959. Decidi ter a minha religião, o meu Deus. Não tinha compromisso nem com Ratzinger, nem posteriormente com o Concílio Vaticano II. Rahner e Ratzinger continuaram com o Concílio. Rahner disse-me que era preciso fazer concessões, pois, caso contrário, seria impossível aprovar algo no Concílio. Eu respondi-lhe que não se podia fazer concessões erradas sobre coisas tão importantes. Assim, Rahner e eu brigamos. Depois de anos, ambos nos arrependemos, mas não nos encontramos mais. Soube através de Leonardo Boff¹¹, que foi seu aluno, que ele perguntava por mim e pedia notícias minhas.

Hegel, uma questão de “etiqueta”

- Como ex-jesuíta, vou para Universidade de Viena terminar o doutorado. Eu já estudava Hegel¹² nessa época, mas pou-

co. Naquele tempo os professores já precisavam ter um autor como o seu mais importante. Naquele período escolhi Hegel e continuei o estudado por motivos acadêmicos e intelectuais. Ser hegeliano é um problema muito mais de etiqueta do que de conteúdo. Hegel não é Hegel. Explico. Temos na filosofia moderna, a rigor, apenas duas correntes filosóficas. Uma delas vem de Descartes¹³ e chega até Kant¹⁴. São os analíticos, duramente dualistas. Corpo e espírito são duas coisas diferentes e que não se juntam, dizem. Para juntá-las é preciso usar cola, e mesmo assim, ela não “pega”. A outra corrente vem do neoplatonismo, com

disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

13 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se, sobretudo, pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

14 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa em si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa em si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em <http://migre.me/uNrh>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

Plotino¹⁵, passa por Espinosa¹⁶, chegando a Schelling¹⁷, Fichte¹⁸, Hegel e Marx¹⁹, e

15 Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos gupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

16 Baruch de Espinosa (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou o *Tractatus Theologico-Politicus*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da IHU On-Line)

17 Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

18 Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três *Críticas* de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. *Discursos à nação alemã* é sua obra mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

19 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos Cadernos IHU ideias, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota

11 Leonardo Boff (1938-): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/iBjvZq>, e concedeu uma entrevista sobre a *Teologia da Libertação* na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/kaibZx>. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em <http://bit.ly/km44R2>. (Nota da IHU On-Line)

12 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição n. 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está



ERNILDO STEIN, CHRISTOPH TÜRCKE, PETER NAUMANN, CIRNE-LIMA, THADEU WEBER E JAYME PAVIANI



CIRNE-LIMA E KARL-OTTO APEL



NIKLAS LUHMANN E CIRNE-LIMA

diz que o universo é uma totalidade em movimento. Tudo é um todo que é diferenciado e está em movimento de evolução. Isso significa que Deus está aqui, ou então Deus não existe.

Todos pensadores que defendem a totalidade pensam assim. Eu usava Hegel porque é um dos filósofos melhores nesse período. Mas se não tivesse Hegel, citaria sem problema algum Schelling ou Espinosa, porque são muito parecidos, vêm da mesma escola.

da IHU On-Line)

Eles são monistas, em oposição a Descartes e Kant. Acreditam numa única substância. Esse monismo está em evolução. As diferenças é que, para um autor, a evolução é necessária, enquanto que para outro há liberdade; isso é o Espírito que se desenvolve. Então, a diferença entre materialismo e espiritualismo é nula. Quando dizemos que tudo ficou matéria, tudo ficou espírito. Só faz sentido falar em espírito e matéria quando se é dualista.

No monismo, podemos ser espiritualistas como Hegel, ou materialistas como o Marx original. A rigor, se tirarmos a palavra matéria e colocarmos espírito, tudo fica igual. Dentro desse esquema, sou monista, e não dualista. Meus colegas ficaram mais e mais dualistas, inclusive Ratzinger. Hoje, os jesuítas e o catolicismo são, em sua esmagadora maioria, dualistas, e não monistas. Aprendi o dualismo na escola,

mas depois, na Filosofia, fui percebendo que deveria ser monista. Não é possível ligar ambas as coisas. Como fiquei monista, deveria dizer qual o autor que estudo, então escolhi Hegel.

Professor em Viena - Quando fui para Viena em 1959, já laicizado, tornei-me professor auxiliar de agosto daquele ano até agosto de 1965. Lá, meu chefe

era Erich Heintel²⁰. Nesse período, o departamento de filosofia era muito centrado no idealismo alemão. Meus colegas falavam comigo sobre Hegel e Schelling com a maior naturalidade. Eram todos monistas. Assim como tive dificuldades e diferenças com a mentalidade católica, eles passaram pela mesma situação com a mentalidade protestante, uma vez que esta também era dualista. Alguns desses pensadores que saíram de Viena até ficaram dualistas, *ma non troppo*, como Karl Popper²¹. Ele sai de Viena e não sabe direito se é monista ou dualista.

Dualismo mitigado - Dei-me conta de que a Filosofia moderna só tem duas correntes: a que vem do neoplatonismo e é monista, que continuo a seguir, e a dualista, que surge em Descartes e alcança Kant. Do ponto de vista prático, a esmagadora maioria das pessoas continua dualista. Quando dou aulas, as pessoas se confundem e não sabem do que estou falando. Aqueles que professam a religião católica ou luterana têm uma visão dualista e estranham o que falo. Isso é usual também na Alemanha em outras épocas. Só não tem esse sentimento de estranhamento quem é materialista ou idealista. O materialista convicto ficará mais de acordo comigo do que com um dualista tomista.

Nos últimos 20 anos, com o *aggiornamento* que houve, o que aconteceu é que a Igreja Católica tentou se reestruturar com o monismo. Isso é fruto do trabalho de Rahner, que vai para o Concílio fazer a unidade da Igreja. O conceito de Deus e Igreja que Rahner traz dessa perspectiva era não de um monismo duro. Deus estaria lá, mas como totalidade, e Deus não estava transcendente. Foi introduzida a ideia de que imanência e transcendência são iguais, ou seja, crescendo uma, cresce a outra. Elas não seriam excluídas. Essa é a ideia de Rahner e De Lubac²², por exemplo. A Igreja Católica

²⁰ Erich Heintel (1912-2000): filósofo alemão, professor da Universidade de Viena. (Nota da IHU On-Line)

²¹ Karl Popper (1902-1994): filósofo austriaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e defensor da democracia liberal. (Nota da IHU On-Line).

²² Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro

naquele período pré-Concílio, e inclusive hoje, admite que deve ser modernizada, e o Deus modernizado em que transcendência e imanência coexistem é postulado. Então, existem dois tipos de católicos: aqueles que dizem que transcendência e imanência são inversamente proporcionais remontam a Ratzinger, e aqueles que dizem que crescendo uma, cresce a outra, sendo diretamente proporcionais, são o grupo moderno. É esse grupo que tentou fazer o Concílio. Já no princípio dos trabalhos esse embate produziu a cisão, e Ratzinger mudou de ideia, levando a igreja para esse lado. Durante o Concílio, esse conceito de Rahner foi derrotado e Ratzinger fica cardeal.

Rahner não consegue voltar à sua cátedra em Teologia. Morreu sem emprego, sem reconhecimento e triste. Ele é proibido de voltar a Innsbruck, onde era professor titular vitalício. Ratzinger e outros católicos transcendentalistas impedem-no de fazer isso. Ele é acolhido por Johann Baptist Metz²³, em Münster.

Ratzinger como papa - O quem vem pela frente com Ratzinger, na verdade “já veio”: ele é “águas passadas”. Ele apenas é *papa* agora. Quando começa a defender que imanência e transcendência são inversamente proporcionais, era jovem professor, depois bispo, cardeal e então papa. Essa mentalidade entrou no Concílio e teve preponderância. O Deus imanente era

Deus, *ma non troppo*. A rigor essa discussão começa em Santo Agostinho²⁴ e vem através da história. Tudo que está acontecendo na igreja agora é reflexo do que houve no Concílio Vaticano II. O problema não está resolvido dentro da instituição, mas para mim já está solucionado. Se hoje Ratzinger e eu debatêssemos novamente, continuaríamos discordando, mas hoje com ainda mais força porque ele não tem mais motivos para ter precaução, assim como eu. Na nossa idade, podemos dizer com mais franqueza o que antes recheávamos com sutilezas.

Ratzinger está levando a Igreja à beira da morte. Se o seguinte pontífice continuar nesse caminho, a Igreja irá diminuir a tal ponto que irá minguar por falta de conteúdo. É minha honesta opinião.

História da Filosofia - O motivo pelo qual no Brasil se faz história da filosofia, e não Filosofia, é bem simples. Isso iniciou na USP, cuja opção política foi levada a cabo por Paulo Arantes²⁵. Cada um tem sua opinião particular, mas em termos de currículo, o que vale é a história da filosofia. Há pouca gente com um sistema próprio no Brasil, e que não segue a linha da USP. É o meu caso, que sou fruto da filosofia do Pullach Bei München, Innsbruck e Viena. Mas a filosofia da USP, que se espalhou por todo o Brasil via MEC, é aquela da história da filosofia.

Casamento e absolvição das “heresias” - Depois desse período em Viena, volto para o Brasil e me caso com Maria Tomaselli²⁶ em novembro de

1965. Um mês antes da viagem para o Brasil, nos casamos no civil. Então, embarcamos em uma viagem de navio para cá. Casamos no religioso, numa cerimônia celebrada por D. Vicente Scherer²⁷. Como estávamos excomungados, tivemos que ser absolvidos, primeiramente. Recebemos uma licença especial para casar na capela de Dom Vicente, além da absolvição de todas as “heresias”. Apenas a família pôde assistir à cerimônia.

Maria e eu nos conhecemos quando eu era professor em Viena. Ela morava em Innsbruck, sua cidade natal, onde estudou Filosofia com professores católicos, mas muito fracos enquanto filósofos, como ela própria faz questão de salientar. Lá Maria fez seu primeiro semestre na Filosofia. Como todos falavam da boa filosofia de Viena, ela decidiu assistir aulas com Heintel, o professor mais importante da época. Nesse contexto nos conhecemos. Ocorre que Maria voltou a Innsbruck e seguiu lá o curso de Filosofia. Um ano depois, começamos a namorar “de longe”. Seu pai disse-nos que só poderíamos casar depois que ela concluísse seu doutorado em Filosofia, o que aconteceu de 1962 a 1965. Quando concluiu o curso em Innsbruck é que casamos. Depois que terminou a Filosofia, Maria nunca mais quis estudar o tema. Decidiu migrar para a arte. Se alguém diz que ela é doutora em Filosofia, ela desmente e dá risada.

“Estragar” a vida - Nunca ataquei a Igreja. Falo a respeito do que aconteceu, mas sem atacar a instituição. Prometi que não iria atrapalhar o Concílio. Quando saio dos jesuítas, brigando pelo conceito de Deus e, portanto, também de Igreja, naquele período Rahner disse que eu iria “estragar” a minha vida e a da Igreja. Então, disse-lhe que iria “estragar” apenas a minha vida. Assim, nunca polemizei contra a Igreja. Nesse meio tempo, Ratzinger

Carlos Roberto Velho Cirne-Lima em 1965 e vive, desde então, no Brasil. Para maiores detalhes sobre sua trajetória artística, consulte: <http://www.mariatomaselli.cjb.net/> (Nota da IHU On-Line)

27 D. Vicente Scherer (1903-1996): cardeal brasileiro. Foi ordenado padre em 1926, em Porto Alegre. Recebeu ordenação episcopal em fevereiro de 1947. Entre os anos de 1946 e 1981, foi arcebispo de Porto Alegre. (Nota da IHU On-Line)

poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

23 Johann Baptist Metz (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no período posterior ao Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia são memória, solidariedade e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://migre.me/2zn3s>. (Nota da IHU On-Line)

24 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

25 Paulo Arantes: filósofo e escritor. Confirma a entrevista *A violência institucional ilegal é exercida hoje como uma política sistêmica. Governos não fazem mais a diferença*, concedida à edição 248 da revista IHU On-Line e disponível em <http://bit.ly/kQ0nqm>. (Nota da IHU On-Line)

26 Maria Tomaselli (1941): artista plástica austríaca, nascida em Innsbruck. Doutora em Filosofia pela Leopold Frantzens Universität, em Innsbruck, em 1965. Estudou pintura com Iberê Camargo, e escultura com Xico Stockinger. Com Marta Loguerio e Anico Herskovits criou o MAM-Atelier de Gravura, em Porto Alegre. Também participou da criação da Oficina 11, na capital gaúcha. Casou-se com o filósofo

ficou bispo, cardeal importante e cada vez mais transcendente. Eu, por outro lado, continuei professor monista.

Arguição escada abaixo - Logo depois de casar, fiz concurso para professor auxiliar de ensino, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Iniciei em março de 1966, no prédio ao lado da reitoria. Em agosto de 1968, faço minha livre-docência. É preciso contextualizar que 1968²⁸ é o ano das invasões estudantis. Nesse ano os estudantes de Paris invadiram a Sorbonne, e o mesmo aconteceu em Munique, quando as aulas foram canceladas. Em Frankfurt a suspensão das aulas fez com que os professores ficassem magoadíssimos com os alunos. Essa Revolução Estudantil de 1968 provocou grandes mudanças intelectuais no mundo inteiro, e também repicou em Porto Alegre. Estudantes da UFRGS, em agosto daquele ano, invadiram a universidade. Naquele exato momento, eu estava arguindo minha tese de livre-docência, no prédio ao lado da reitoria, no andar de cima. Minha banca, com cinco professores solenes, entre eles o grande jurista Miguel Reale²⁹, estava “atacando-me”, pois não sabia se eu era católico, idealista ou materialista comunista. Meu livro se chamava *Dialética e realismo*, e eles pensavam que a palavra dialética era mais marxista do que hegeliana. Por causa desse livro, Reale queria me “trucidar”. As notas que ganhei eram

28 Maio de 68: período iniciado pela greve geral que aconteceu na França e que, rapidamente, adquiriu significado e proporções revolucionárias, mas em seguida desencorajado pelo Partido Comunista Francês, de orientação stalinista, e finalmente foi suprimida pelo governo, que acusou os comunistas de tramarem contra a República. Alguns filósofos e historiadores afirmaram que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do século XX, por que não se deveu a uma camada restrita da população, como trabalhadores ou minorias, mas a uma insurreição popular que superou barreiras étnicas, culturais, de idade e de classe. Sobre o tema, confira a edição 250 da revista IHU On-Line, de 10-03-2008, intitulada *Maio de 1968: 40 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/kDXPfJ>. (Nota da IHU On-Line)

29 Miguel Reale (1910-2006): filósofo, jurista, formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, educador e poeta brasileiro e um dos líderes do integralismo no Brasil. Conhecido como formulador da Teoria Tridimensional do Direito, na qual os elementos da tríade fato, valor e norma jurídica compõem o conceito de Direito. (Nota da IHU On-Line)

algo como 3 e 4, sendo que o 7 era o mínimo para passar.

Stein³⁰ e eu fizemos nossas arguições na mesma época. Ele não teve problemas de ser acusado de comunista porque estudava Heidegger³¹. Mas eu tinha, por causa da dialética. Além

30 Ernildo Stein: filósofo brasileiro, graduado em Filosofia e Direito, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Curso doutorado, na mesma universidade, em Filosofia, e pós-doutorado na Universität Erlangen - Nürnberg. Atualmente, é docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e membro do corpo editorial das publicações *Reflexão*, *Problemata*, *Natureza Humana* e *Ágora*. Publicou dezenas de livros, entre eles *Seminário sobre a verdade: lições introdutórias para a leitura do parágrafo 44 de Ser e Tempo* (Petrópolis: Vozes, 1993); *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997), *Diferença e metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000); *Compreensão e finitude* (Ijuí: Unijuí, 2001); *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002); *Mundo Vivido: Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Seis estudos sobre Ser e Tempo* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005). Concedeu as seguintes entrevistas à IHU On-Line: *Narrativas de Deus são fragmentárias como era pós-metafísica*, edição 309, de 14-09-2009, disponível em <http://bit.ly/9vuQ8s>; *A superação da metafísica e o fim das verdades eternas*, edição 185, de 19-06-2006, disponível em <http://bit.ly/bp5jvr>; *Depois de Hegel: “o mais original diálogo entre Filosofia analítica e dialética”*, edição 261, de 08-06-2008, disponível em <http://bit.ly/adOcrP>; *O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal*, edição 303, de 10-08-2009, disponível em <http://bit.ly/aAqdPJ>. (Nota da IHU On-Line)

31 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNty>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

disso, os estudantes invadem o prédio e a polícia do DOPS entra com escada magirus, pela janela. As luzes tinham sido apagadas pelos estudantes. O presidente da banca disse que eu não deveria interromper a arguição, caso contrário a sessão perderia a validade. Miguel Reale continuou o exame no escuro. Uma luz surgiu, vinda de uma lanterna. Era o diretor Ângelo Ricci, que passa uma lanterna em nossos rostos e fala, apontando para a janela: “A faculdade foi invadida pelos alunos revoltosos. Para que esta arguição não perca a validade, a banca não pode ser interrompida. Deve continuar arguindo e vocês devem sair por ali”. Dois policiais de metralhadora em punho guarneciam a escada. Todos, então, descemos pela magirus, arguindo. Fomos acompanhados, no escuro, pelos policiais, rumo à Escola de Belas Artes. Levamos uns 15 minutos caminhando e arguindo, até chegar ao Instituto. Lá a sessão foi encerrada. Isso consta em ata até hoje arquivada na Faculdade de Filosofia da UFRGS. Torno-me, então, livre-docente.

Cassação - Não tive atuação política nem antes, nem depois desse momento, mas eu era um filósofo, e em 1968 acontece essa revolta estudantil e o AI-5³². A revolução militar iniciada em 1964 sofre uma revolução interna em 1969. O presidente Arthur da Costa e Silva fica doente e uma junta militar assume o governo e tudo fica mais “apertado” ainda. Havia listas de cassações. Professores da Universidade de São Paulo - USP de Sociologia e Filosofia eram cassados em grupos de 30 a 40 pessoas por vez. No Rio Grande do Sul, cassaram de 20 a 30 professores, sobretudo da Sociologia e Arquitetura. Da Filosofia, apenas dois foram cassa-

32 AI-5 (Ato Institucional Número Cinco): decretado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime poderes absolutos e cuja primeira e maior consequência foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. Representou o ápice da radicalização do Regime Militar de 1964 e inaugurou o período do regime onde as liberdades individuais foram mais restringidas e desrespeitadas no Brasil. É o movimento final de “legalização” da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da IHU On-Line)

dos: Gerd Bornheim³³ e Ernildo Stein. Nessa época eu ainda não tinha sido cassado.

Os não cassados, como eu, se manifestam dizendo que aquilo era uma vergonha. Um grupo, capitaneado pelos dois Brito Velho (Carlos de Brito Velho, deputado, católico, e Vitor de Brito Velho, professor de Filosofia) fez um abaixo-assinado pedindo ao governo militar a revisão dessa postura. Assinei esse manifesto, ao lado de inúmeros outros colegas. Depois de um tempo, um assessor do ministro da Educação, Tarso Dutra, nos instou a retirar nossa assinatura. Instruiu-nos a nos retratarmos e afirmarmos o contrário. Recusei-me, junto de Bento Velho e Maria da Graça, hoje professora da PUCRS.

Em 1969 fui cassado, mas continuei dando aulas em Caxias de Sul. Só que isso não durou nem dois meses. Veio um ato complementar do governo militar dizendo que aqueles cassados pelo AI-5 não poderiam dar aula em nenhum lugar no Brasil. Então, fiquei desempregado e sem dinheiro. Nessa situação, apelei para minha segunda profissão, que aprendi em Viena.

Um filósofo executivo - Quando fui fazer o doutorado em Viena, já laico, Heintel perguntou-me que outra profissão eu tinha. Respondi que queria ser professor de Filosofia. Ele insistiu: “Com o que você ganha dinheiro? Professor não é emprego, não é profissão. Você precisa ter uma profissão; caso contrário, não irei orientá-lo”. Ele falou-me sobre vários dos filósofos do departamento que tinham outras profissões paralelas. Então, mandou-me arranjar um emprego e só depois procurá-lo para o doutorado. Procurei

³³ Gerd Alberto Bornheim (1929-2002): filósofo, professor e escritor brasileiro. Lecionou filosofia inicialmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sendo cassado pela ditadura militar em 1969. Residiu alguns anos na Europa, e quando retornou ao Brasil fixou-se no Rio de Janeiro, atuando como professor de Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Filósofo e crítico de Arte, foi professor de uma geração de filósofos do Brasil, como Leandro Konder e Ernildo Stein. Dedicou diversos trabalhos à filosofia moderna e contemporânea, destacando-se por seus estudos sobre Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. De suas obras, destacamos *O sentido e a máscara* (São Paulo: Perspectiva, 1969) e *O idiota e o espírito objetivo* (Porto Alegre: Globo, 1980). (Nota da IHU On-Line)

o aconselhamento na universidade de Viena e pedi que me ajudassem a encontrar algo com o que pudesse ganhar dinheiro o quanto antes. Aproveitei os créditos que já tinha cursado e, em um ano e meio, concluí o curso de Administração de Empresas. Assim, sou graduado nessa profissão pela Universidade de Viena. Então, fui procurar Heintel para fazer o doutorado.

No Brasil, quando revalidei o diploma em Filosofia, pensei em revalidar o de Administração também, por via das dúvidas. Foi justamente o que me salvou na época da cassação. Meu diploma de administrador foi validado na UFRGS e tenho registro de número 42 no Conselho Regional de Administração - CRA.

Quando vem a cassação e sou proibido de lecionar, pego meu currículo vitae, tiro a formação filosófica e apresento-o como administrador para possíveis empregadores. Em dezembro de 1969 torno-me funcionário do Banco Nacional do Comércio como escriturário no Departamento de Operações de Crédito Anormal - Deoca. Nesse departamento, o chefe precisa de novos colaboradores. Como eu sabia idiomas e contabilidade, fui contratado. Ninguém sabia que eu era filósofo, pois a pior coisa na época era ser filósofo, e sobretudo cassado.

Administrando a Borregaard - Um ano e meio depois, começa meu ano de peregrinações. Como tive sucesso no Deoca, a diretoria do banco enviou-me como representante dos bancos do Rio Grande do Sul para ser diretor do Dominium Café Solúvel, em São Paulo, na Avenida Interlagos. Era uma empresa que enfrentava problemas com intervenção federal, inclusive. O Banco Central colocou como interventor um senhor de nome Barbosa. Outro diretor, chamado Alvarez, era representante do Bradesco. Os três Bancos do Rio Grande do Sul (Sulbanco, Banco do Comércio e Banrisul) indicaram a mim como representante deles na Dominium. Assim, fiquei diretor dessa empresa por um ano e meio. Ainda como funcionário, começam as negociações para trabalhar na Borregaard, pois o governo em 1972 inicia a desapropriação dessa empresa. O ministro

do Planejamento, Reis Veloso, ficou impressionado com o trabalho que eu tinha feito no Banco e na Dominium. Junto do ministro Delfim Neto, ficou meu amigo e apreciou o trabalho que havia feito. Então, ambos pediram-me para entrar em contato com a Borregaard, cuja fábrica brasileira situava-se em Guaíba, aqui no Rio Grande do Sul.

Contudo, antes de entrar para essa empresa, passei todo o ano de 1973 numa missão ainda mais espinhosa: salvar e reestruturar o Diners Club do Brasil. O Diners era o grande cartão de crédito da época. Então, saí da Dominium, fui para o Rio de Janeiro e atuei nessa empreitada. Terminei o trabalho e assumo na Borregaard em janeiro de 1974. Após estudar o caso da empresa por um mês, vejo que o grande problema era que os noruegueses, seus donos, quando projetaram a planta fabril, fizeram algo muito engenhoso, mas meio perverso. A fábrica de celulose no Brasil usava de árvores e solo baratos, e a celulose era produzida não branqueada e, principalmente, não peneirada. Os fardos de celulose que saíam de Guaíba, se fossem vendidos em outro lugar do mundo, quebrariam as máquinas ao serem processados. Isso porque esses equipamentos são compostos por rolos, que não resistiriam aos fardos repletos de nós. Então, esses fardos deveriam ser peneirados antes de serem prensados. Entretanto, apenas na Noruega é que ocorria a peneiragem e o branqueamento. Assim, metade da fábrica estava situada no Brasil, e a outra na Noruega. O produto daqui só poderia ser vendido na Noruega em função de questões técnicas. Reis Veloso se dá conta disso e convoca-me para mudar a situação. Primeiramente tive que fazer um contrato com os noruegueses para que eles branqueassem a celulose. Como estavam amargurados com esses dois ministros, eu servia de intermediário entre o governo e a Borregaard no Brasil e na Europa. Passado um tempo, começamos a branquear e peneirar a celulose aqui e vender em Amsterdam. Meu escritório funcionava em Frankfurt. Nesse período de 1974-1977, sou diretor da Borregaard em Guaíba, com casa nessa cidade e em Frankfurt, onde a Maria ficava a maior parte do tempo. Aliás, todo nosso casamento foi marcado por constantes via-



CIRNE-LIMA RECEBENDO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO



gens e mudanças, e muito companheirismo nessas situações de deslocamento. Nossa vida sempre foi bem atribulada.

Quando acabei minha tarefa na Borregaard, o pessoal ficou bastante bravo comigo porque contrariei uma porção de coisas. A defesa que poderiam ter feito para mim deveria partir de Reis Veloso e Delfim, mas que a essas alturas já não tinham mais muita expressão política. Então, fico desempregado outra vez. De 1977 a 1979, o senador Severo Gomes convidou-me para ser diretor na Tecelagem Paraíba, no Nordeste. Então, mudamo-nos para Olinda-PE.

Retorno à UFRGS - Em 1979 vem a Lei da Anistia e recebo uma carta do reitor da UFRGS. Recebo a permissão para voltar e redijo uma carta aceitando o convite. De 1979 a 1983, como eu não tinha dedicação exclusiva à universidade e ganhava pouco dinheiro, empreguei-me numa companhia de seguros que depois foi engolida por uma grande companhia paulista. Assim, mantive paralelos a docência e o trabalho nessa empresa. Estava contratado como professor assistente e adjunto na UFRGS. Em 1985 faço concurso para professor titular e dedico-me exclusivamente à universidade. Aposento-me em 1990 na UFRGS e inicio carreira na PUCRS. Em 2000 encerro a carreira nesta universidade e começo na Unisinos, diariamente, até 2007. Em 2008, sou nomeado professor emérito e professor visitante dessa instituição. Agora estou aposentado. Também tive um período como professor em Kassel, dei conferências em Aachen e Praga.

Reconhecimento filosófico - O reconhecimento ao meu trabalho filosófico veio agora, na velhice. No início da minha carreira sou apenas um professor talentoso. Depois, sou cassado e ninguém pode nem falar a respeito da minha trajetória filosófica. Por dez anos dedico-me a administrar empresas e construo fama de bom executivo. Quando volto à Filosofia oficialmente, estou quase na estaca zero. Na UFRGS, inclusive, não me consideravam filósofo, mas um cassado anistiado. Quando entro na PUCRS, convidado por Jayme Paviani³⁴, é que vem o reconhecimento. Na época em que entrei na PUCRS o curso não era bem visto, e era preciso uma revitalização em sua pós-graduação, missão para a qual foram chamados Hans Georg Flickinger³⁵, Ernildo Stein e eu. Depois, a Unisinos chamou-me para fundar o curso de pós-graduação em Filosofia. Ocorre que lá em 1952 eu dava aulas por um semestre em São Leopoldo, no Cristo Rei, migrando da Filosofia para a Teologia.

34 Jayme Paviani: crítico de arte, filósofo, escritor e professor brasileiro. Natural de Caxias do Sul, graduou-se em Filosofia e em Ciências Jurídicas e Sociais pela UCS, e mais tarde desenvolveu mestrado e doutorado em Lingüística e Letras na PUC-RS. Em 2000 completou seu pós-doutorado na Università degli Studi di Padova. Foi professor na PUC-RS, membro do Conselho Municipal de Cultura de Caxias do Sul e atualmente é professor titular de Estética na UCS. (Nota da IHU On-Line)

35 Hans G. Flickinger: filósofo alemão, docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e na Universidade de Kassel, Alemanha. É um dos autores de *Teoria de Auto-Organização - As Raízes da Interpretação Construtivista do Conhecimento* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994). (Nota da IHU On-Line)

Nessa época a Unisinos fundou no papel uma faculdade de Filosofia e como não tinha quase nenhum professor doutor, colocaram-me como um dos fundadores do curso de graduação. Então, sou um dos fundadores da graduação e da pós-graduação em Filosofia da Unisinos.

Lazer - Maria e eu gostamos de teatro e cinema. Assistimos a filmes quase todos os finais de semana. Como Maria é artista, está sempre pintando, fazendo gravuras e envolvida em atividades com seus alunos. Eu gosto muito de ler, e aproveito meu tempo para isso. Já naqueles dez anos como administrador, mantinha minhas leituras filosóficas em dia, porque caso contrário estaria desatualizado e liquidado. Hoje, continuo essa prática, e em ritmo mais intenso: a cada dois ou três dias leio um livro diferente. Estou atualizado em Filosofia, sei o que meus colegas estão fazendo e debatendo. Além disso, escrevo artigos.

Instituto Humanitas Unisinos - O IHU tem enormes méritos, mas está naquela ambiguidade que caracteriza a Igreja Católica. O IHU não sabe, ao certo, se é monista ou dualista. Essa posição de indecisão é a de muitos teólogos católicos contemporâneos, e inclusive da Unisinos em termos gerais.

Professor emérito da Unisinos - Quando recebi o título, ocorreu algo curioso. O reitor, Pe. Marcelo Aquino³⁶,

36 Marcelo Fernandes de Aquino: filósofo brasileiro, reitor da Unisinos. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Aloisianum e em

meu amigo e colega, proferiu uma conferência na qual apontou a posição neotomista contemporânea. Não fica clara, contudo, se sua posição é pelo monismo ou pelo dualismo. Face ao discurso dele, reiterei minha posição monista. Não usei a palavra panteísta, que é “feia”. Mas essa divergência ficou clara na solenidade. No público, havia alguém que ligou para o provincial dos jesuítas daqui reclamando que estava sendo prestigiado alguém que não era suficientemente católico.

Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG em Roma, Itália, é mestre em Teologia e Filosofia pela PUG, onde também cursou doutorado em Filosofia com a tese *O conceito de religião em Hegel* (São Paulo: Loyola, 1989). É pós-doutor pelo Boston College. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

Carlos Roberto Velho Cirne-Lima é professor emérito do PPG em Filosofia da Unisinos, com o título de doutor honoris causa, concedido em 6 de junho de 2008. É graduado em Filosofia, pelo Berchmannskolleg, em Pullach (Alemanha), doutor em Filosofia, pela Universität Innsbruck (Áustria), e obteve livre-docência pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Entre seus livros publicados, citamos *Realismo e dialética. A analogia como dialética do Realismo* (Porto Alegre: Globo, 1967), *Sobre a contradição* (Porto Alegre: Edipucrs, 1993) e *Dialética para principiantes* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002). Seu livro mais recente chama-se *Depois de Hegel. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico* (Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2006). Conheça, ainda, o seu site www.cirnelima.org.

Confira as entrevistas concedidas por Cirne-Lima à IHU On-Line:

* As universidades perderam a unidade do saber. Edição número 80, de 20-10-2003, intitulada *A Filosofia está viva?*, disponível em <http://bit.ly/ITzC18>;

* Karl Rahner defendeu ideias, antes do tempo, cedo demais. Edição número 102, de 24-05-2004, intitulada *Deus e a humanidade: algo a ver?* Karl Rahner 100 anos, disponível em <http://bit.ly/maOB5H>;

* O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e caos. Edição número 142, de 23-05-2005, intitulada *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos*, disponível em <http://bit.ly/jkC6b>;

* Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade. Edição número 217, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007*, disponível em <http://bit.ly/iraESc>;

Edição comemorativa ao título de doutor honoris causa recebido por Cirne-Lima:

* Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel. Edição número 261, de 09-06-2008, disponível em <http://bit.ly/bXIRed>.

Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011



Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material

Palestrante: Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Unisinos

Data de início: 29 de agosto de 2011
Data de término: 07 de novembro de 2011

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Informações em www.ihu.unisinos.br

IHU Repórter

Marcelo Leandro dos Santos

POR PATRÍCIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Doutor em Filosofia, Marcelo Leandro dos Santos se encanta com a simplicidade da vida. O jeito sereno revela a sabedoria que ele tenta aplicar no dia a dia, ensinando aos filhos que o sentido da família vai além do fato de as pessoas dividirem o mesmo teto. Seduzido pelos livros e pelo desejo de constituir uma família sólida, ele é pai de dois filhos e está vivenciando essa experiência ao lado da esposa, Cassiana, há seis anos. A família, diz, “deve dividir e cultivar um sentimento de fraternidade e companheirismo. Essa relação deve ser traduzida de maneira concreta entre as pessoas que pertencem a uma família não só nos momentos de confraternização, mas nas ocasiões em que esses laços precisam aparecer ou transcender de uma forma mais nítida, quando as pessoas estão passando por determinadas dúvidas e dificuldades”.

Marcelo já foi funcionário da Unisinos e há quatro meses está de volta à universidade. Ex-funcionário do Centro de Ciências Humanas, hoje ele é responsável técnico pelas publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Confira mais desta história na entrevista a seguir.



Origens - Sou natural de Novo Hamburgo e fui criado pela minha mãe porque meus pais são divorciados. Tenho duas irmãs: uma mais velha e uma mais nova. Durante um período da minha infância, morei em Novo Hamburgo; depois, mudamos para São Leopoldo e, mais tarde, quando completei 11 anos, retornamos para Novo Hamburgo. Porém, continuei estudando em São Leopoldo. Minha família sempre morou no Vale dos Sinos e trabalhou no setor calçadista da região.

Minhas irmãs e eu mantemos um relacionamento de amizade. O contexto familiar da época fez com que nós nos tornássemos unidos porque ser filhos de pais separados há 30 anos não era fácil.

Estudos - Quando conclui os estudos do segundo grau, aos 17 anos, prestei vestibular para o curso de Informática, na Unisinos. Acabei cancelando o curso porque não me identifiquei. Nesta época, minha mãe tinha uma empresa de calçados e eu trabalhava com ela.

Aos 24 anos, ainda não estava deci-

dido em relação ao curso de Informática, mas apareceu a oportunidade de trabalhar na universidade e fui admitido no Centro de Ciências Humanas, no setor de atendimento. Depois, a Unisinos começou a investir em laboratórios de informática e fui transferido para essa área. Comecei a me interessar por Filosofia e decidi ingressar no curso. Dentre os professores do curso, lembro com carinho da Marcia Tiburi, da Cecília Pires, do Antonio Sidekum, do Castor Ruiz, entre outros.

Depois que terminei a graduação, surgiu a oportunidade de cursar o mestrado e, então, saí da Unisinos para me dedicar ao curso. No ano passado concluí o doutorado na PUCRS e, em seguida, tive a oportunidade de retornar à universidade e trabalhar no IHU. Eu já tinha experiência com publicações porque trabalhava como *freelancer* em alguns projetos editoriais.

Filosofia - Na graduação e no mestrado tive interesse em estudar o filósofo Nietzsche. Mas, nesse período, conheci outros autores como Theodor

Adorno, Walter Benjamin, Emmanuel Levinas. Como Nietzsche é um pensador que influencia Adorno, fiz comparações entre o pensamento dos dois autores e percebi uma atualidade no pensamento de Adorno. Foi por essa razão que fiz minha tese a partir do pensamento dele.

No início, achei Nietzsche um autor que dava contraste à filosofia e comecei a gostar dele justamente devido a seu viés contrastante. Depois, descobri que esse viés também está presente na obra de outros autores e, portanto, não me tornei especialista em um único autor porque acho que isso inclusive empobrece o pensamento.

Casamento - Eu e minha esposa nos conhecemos através de pessoas em comum. Tornamo-nos amigos, começamos a namorar e estamos casados há seis anos. Um dos nossos objetivos era constituir família e ter filhos. Então, logo depois do casamento nasceu a Laura e, mais recentemente, o Pedro. Nós já nos conhecemos com esse propósito de estudar, cursar mestrado

do e, nenhum dos dois via o fato de constituir família e ter filhos como algo que impedisse a construção de uma carreira de estudos.

Família - Cassiana e eu curramos o mestrado e o doutorado no mesmo período - ela conclui o doutorado em Geologia este ano. Temos dois filhos: Pedro, de um ano, e Laura, de cinco. Eles exigem bastante tempo de atenção e nos esforçamos para que esse tempo não concorra com as nossas demandas. Desde pequenos, eles vão compreendendo qual é nossa opção de vida e vendo pelo que seus pais se interessam. Essa experiência tem sido muito rica porque nossos filhos têm se desenvolvido junto com nossos projetos de vida. Nossa opção pelo estudo não os excluíram e nem os deixaram apartados do nosso convívio.

Para a mãe, a relação com os filhos é sempre mais desproporcional porque eles querem a presença dela em todo momento. Em casa, estamos sempre atentos para procurar amenizar essa desproporção.

Lazer - Nos finais de semana, nós saímos com as crianças. Elas gostam de ir a pracinhas para brincar. A Laura está aprendendo a andar de bicicleta. Então, aproveitamos esses momentos ao ar livre, ao sol... Nós moramos em casa e isso possibilita que eles tenham espaço para brincar.

Normalmente, cozinho nos finais de semana: preparo um churrasco, um prato específico. Gosto de filmes, mas não tenho tido tempo de ir ao cinema. Algumas atividades que fazíamos com mais intensidade quando éramos namorados, acabaram ficando em

segundo plano. Gosto de coisas simples, de leituras, de música. Quando vamos fazer compras, costumamos levar as crianças ao supermercado e aí aproveitamos para fazer um *tour* pelo shopping. Estamos em uma fase muito grupal. Temos de aproveitar para ficar com as crianças nos finais de semanas, quando temos tempo, porque, às vezes, quando chego em casa do trabalho eles já estão dormindo.

Religião - Minha esposa e eu somos católicos e batizamos nossos filhos na Igreja. Não tenho, no entanto, uma identidade de prática do catolicismo.

Relação familiar - Se a família tem um sentido que vai além de dividir o mesmo teto, deve dividir e cultivar um sentimento de fraternidade e companheirismo. Essa relação deve ser traduzida de maneira concreta entre as pessoas que pertencem a uma família não só nos momentos de confraternização, mas nas ocasiões em que esses laços precisam aparecer ou transcender de uma forma mais nítida, quando as pessoas estão passando por determinadas dúvidas e dificuldades.

Muitos jovens buscam uma saída solitária por falta de um elo familiar e espero que esse abandono e essa ideia hipócrita de família não estejam presentes na minha relação com meus filhos.

Pai - A experiência de ser pai não é algo que possamos programar: não tem como definir previamente se as coisas acontecerão de um determinado jeito ou de outro. Eu tento viver essa experiência com naturalidade, sem passar uma imagem que possa intimidá-

los. Procuramos ter uma relação amistosa com as crianças e isso tem dado certo. Eles vivem com naturalidade, sem precisar de tanta repreensão. Acredito que a criança se desenvolve melhor desta maneira. Não somos permissivos, esclarecemos que o papel das crianças não é inferiorizado em relação aos adultos, mas também não deixamos elas se transformarem em "tiranias" dentro de casa. Temos essa filosofia de vida.

Unisinos - Ao retornar à universidade, minha impressão é de que algumas coisas continuam parecidas como, por exemplo, a estrutura física e, outras, têm mudado sensivelmente. A visão e os projetos da Unisinos de hoje não apareciam há sete anos. Sinto que a universidade está ampliando seu horizonte de atuação, tem estrutura para essa mudança e pode alcançar voos altos.

IHU - Conheci o IHU no primeiro momento em que trabalhei na Unisinos, mas não sabia direito o que o Instituto significava. Acompanhei o processo de crescimento do IHU quando não estava na universidade. Hoje penso que a repercussão do Instituto fora da Unisinos é muito maior do que dentro da instituição. Se fosse feita uma avaliação para saber o que as pessoas pensam sobre o IHU, imagino que a grande maioria dos que enxergam uma dimensão do IHU mais abrangente não estão dentro da universidade porque o trabalho do Instituto projeta uma excelente imagem para o público externo. Esse poder de difusão que o IHU tem é bastante particular; não conheço outra instituição que tenha um elemento parecido.

ERRATA: NA EDIÇÃO NÚMERO 365, DE 13-06-2011, FOI INFORMADO ERRONEAMENTE QUE PAULO MOUTINHO SERIA PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA. O PESQUISADOR É DIRETOR DO INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA - IPAM.



Destaques

E o Verbo se fez bit.

No próximo dia 30 de junho, o tema **E o Verbo se fez bit. Uma análise da internet como ambiente para a experiência religiosa** será debatido pelo jornalista Moisés Sbardelotto, no IHU ideias, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. No evento, ele falará sobre as novas formas de ser religioso a partir da internet e analisará o processo de mediatização digital do sistema religioso. O encontro acontece das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade

Com o objetivo de trazer à tona a memória e a história do movimento da Legalidade, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos promove o **Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira (1961-2011)**. O evento inicia no dia 18 de agosto, às 20h com a Conferência de Abertura intitulada Contexto e Significados da Legalidade, ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Ferreira, da Universidade Federal Fluminense - UFF. As próximas palestras ocorrem nas datas: 18, 22, 30 e 31-08 e 01-09-11. A programação completa está disponível no link <http://migre.me/54tTx>.



Ciclo de Estudos: Perspectivas do Humano

No dia 16 de agosto, o PPG em Filosofia, em parceria com o IHU, promove a primeira palestra do **Ciclo de Estudos: Perspectivas do Humano** para refletir sobre o ser humano, seus direitos, responsabilidades, tendo como referência a filosofia de alguns pensadores espanhóis contemporâneos como Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno, José Luis Aranguren y Ignacio Ellacuría. A conferência de abertura intitulada Miguel de Unamuno e o sentimento trágico da vida será ministrada pelo Prof. Dr. José Maria Aguirre Oraá, da Universidade de La Rioja, Espanha. O evento inicia às 19h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. A programação completa <http://migre.me/54u79>.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no

facebook

(<http://bit.ly/iहुfacebook>)

Apoio:



IHU Contracapa

UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS